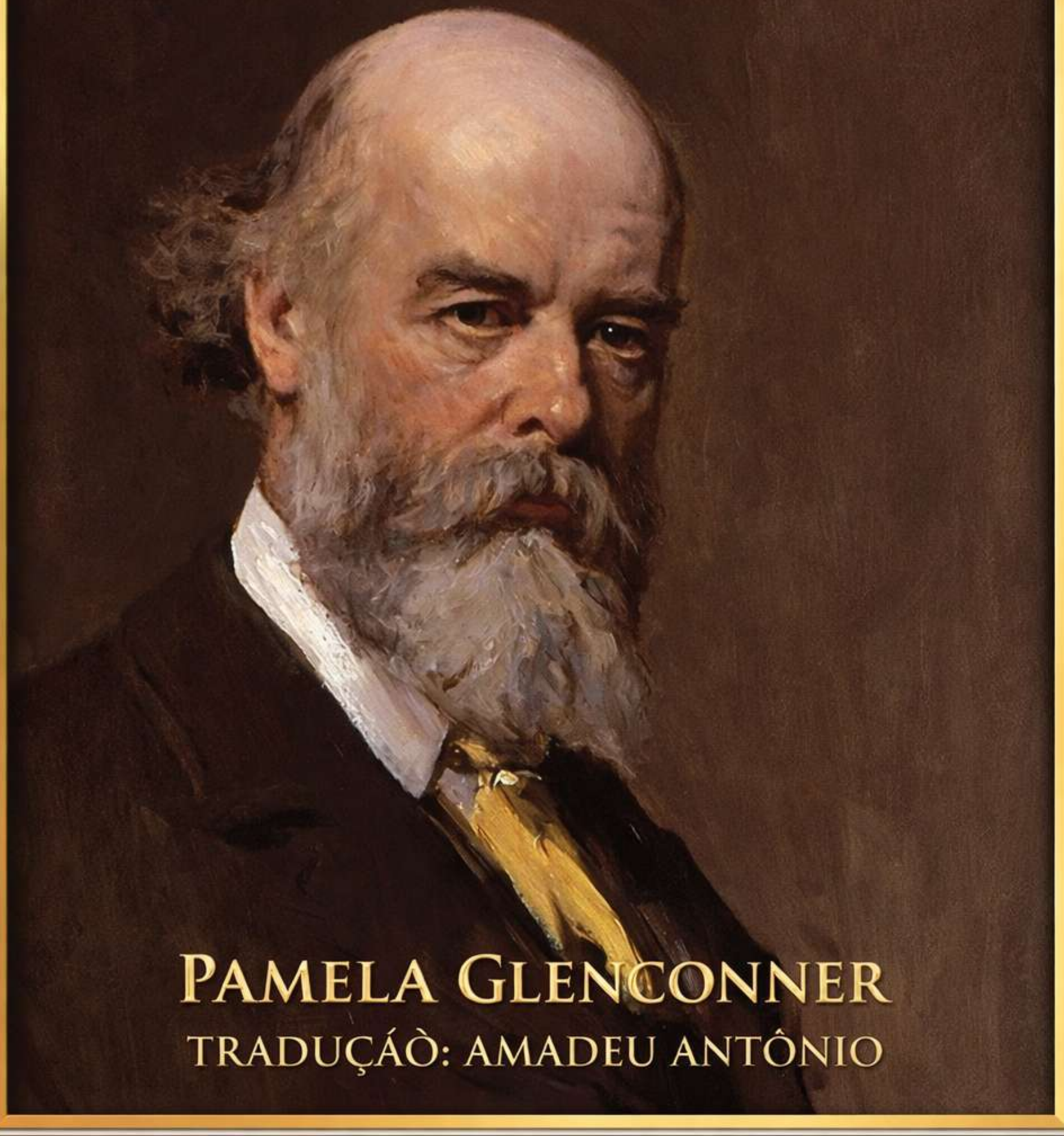
O Vaso de Barro

UM VOLUME QUE TRATA
DA COMUNICÁCÁÒ ESPIRITUAL
RECEBIDA NA FORMA
DE TESTES EM LIVROS



PAMELA GLENCONNER

TRADUÇÁÒ: AMADEU ANTÔNIO

O VASO DE BARRO

UM VOLUME QUE TRATA DA COMUNICAÇÃO ESPIRITUAL,

RECEBIDO NA FORMA DE TESTES COM LIVROS,

POR PAMELA GLENCONNER, COM UM PREFÁCIO DE SIR OLIVER LODGE

1921

INTRODUÇÃO

As notas tomadas na altura das sessões a partir das quais esta narrativa foi extraída foram preservadas e estão na minha posse; e estas notas estarão ao dispor de quem quer que deseje vê-las como corroboração. Os insucessos foram registados tanto como os considerados bem-sucedidos, para que o leitor possa chegar a uma verdadeira compreensão do caso e contar com uma exposição imparcial. Nada foi omitido, exceto quando a mensagem no Teste com Livro teve três ou mesmo mais pontos de contacto, e alguns entre estes foram considerados pelo destinatário como sendo de natureza demasiado privada para serem publicados. Quando tal acontece, o leitor é notificado da supressão.

No Apêndice I deste volume, é dado o relato de Mrs. Leonard sobre a sua primeira apresentação a Feda.

Um ponto requer ênfase.

A nossa convicção de que falamos com o nosso Filho não se baseia apenas na evidência destes Testes com Livros. Eles não são mais do que outras tantas lâminas num prado verdejante, algumas gotas claras nas águas do consolo que têm sido, e permanecem, uma corrente inesgotável; mas têm uma reivindicação primordial acima das formas de comunicação espiritual mais vulgarmente conhecidas. Tal como o sistema de Correspondência Cruzada, foram concebidos para fornecer prova de uma agência descarnada. Muitos que anseiam por comunicar com aqueles que partiram receiam a ação da telepatia a operar entre a sua própria mente e a mente do médium. Estes Testes com Livros destroem a possibilidade de tal telepatia e exigem do longo braço da Coincidência um braço muito longo, de facto. Nos melhores casos, as mensagens foram rastreadas e provadas como apropriadas, em livros descritos e encontrados em casas desconhecidas do médium (como nos Testes com Livros I. e II., e Testes

com Livros X. e XI.), e desconhecidas tanto do médium como do destinatário (como nos Testes com Livros XIII. e XIV.). Quando assim é, pode conceder-se que fornecem um forte argumento a favor da continuidade da personalidade para além da sepultura.

Pamela Glenconner.

Wilsford Manor, Salisbury,
Julho de 1920.

NOTA PRELIMINAR E EXPLICATIVA

Por Sir Oliver Lodge, F.R.S.

NOTA PRELIMINAR

Pedem-me que diga aos leitores deste livro como surgiu o curioso fenómeno agora conhecido pelo nome de «Testes com Livros» e qual é o seu provável significado.

Parece ser parte de um plano, concebido por aqueles que estão a comunicar connosco do «outro lado», para fazer chegar mensagens de uma maneira que não possa ser atribuída a qualquer variedade vulgarmente reconhecida de atividade subconsciente por parte do médium, nem à telepatia ou leitura de pensamentos entre o médium e a pessoa que está a receber as mensagens. Esta é, sem dúvida, a aparência; e é o que considero ser a verdade.

Após a morte, em 1901, de F. W. H. Myers — que estava bem ciente da nossa dificuldade em aceitar a comunhão espiritual, ou a continuidade da atividade mental dos mortos, como uma explicação autêntica ou provável da lucidez indubitável de um médium em transe—descobrimos gradualmente que, como suplemento às comunicações domésticas mais vulgares e simples, que há muito são conhecidas e ainda continuam, estavam a ser empregues certos dispositivos especiais—a maioria deles aparentemente iniciados por Myers—cujo objetivo era claramente reduzir o número de explicações alternativas e, especialmente, eliminar a telepatia de pessoas vivas como um elemento necessário na interpretação do fenómeno.

O primeiro sucesso nesta direção mais elaboradamente probatória foi encontrado no sistema de Correspondência Cruzada; isto é, a obtenção de mensagens semelhantes ou correspondentes, quase simultaneamente, através de três ou quatro médiuns amadores ou escritores automáticos

diferentes, alguns dos quais viviam em países diferentes e não se conheciam entre si. Estas senhoras escreviam de forma bastante independente e espontânea, e muitas vezes não entendiam o significado do que escreviam; mas a sua escrita dizia-lhes para enviarem os textos incompreensíveis para a Central Office da S.P.R. em Londres, presumivelmente para estudo posterior. Um investigador, que tinha a vantagem de poder cotejar os manuscritos, descobria então que as frases desconexas, as citações literárias aparentemente aleatórias, exibiam uma coerência e correspondência inconfundíveis entre si e, além disso, eram suscetíveis de uma interpretação significativa e característica.

Esse é o sistema de Correspondência Cruzada que, começando de forma simples, se tornou gradualmente muito elaborado e tem sido objeto de relatórios consideravelmente extensos, embora ainda não completos, em vários volumes recentes dos Proceedings da S.P.R.

O próximo método adotado, pelo que é agora considerado o Grupo de Comunicadores da S.P.R. do outro lado, foi o envio de alusões literárias mais ou menos obscuras e a invenção de problemas clássicos de tal complexidade e erudição essencial que estavam além do alcance do médium transmissor e eram muitas vezes incompreensíveis à primeira vista para as pessoas que os recebiam e estudavam. Por vezes, de facto, eram suficientemente recônditos para confundir eruditos clássicos vivos, até que alguma dica ou pista era fornecida pelo suposto autor do problema, momento em que o significado do todo se revelava subitamente.

Os exemplos mais conhecidos deste tipo de problema são os dois chamados, respetivamente, «O Batismo de Estácio» e «A Orelha de Dionísio», ambos habilmente relatados pelo Rt. Hon. G. W. Balfour. Outro, decididamente mais simples, de data anterior, estava contido em respostas dadas automaticamente a uma pergunta sobre Lete; este foi relatado na sua primeira fase por Mr. J. G. Piddington, e na sua segunda fase por mim mesmo {Proceedings da S.P.R., Vols. XXIV e XXV).

Um terceiro método surgiu agora e tem sido empregue em intervalos durante e desde a Guerra, consistindo no desenvolvimento do que se chamam «Testes com Livros». Destes, temos agora um grande número de registos independentes, que estão a ser examinados por Mrs. Henry Sidgwick e serão devidamente relatados por ela, em devido tempo. O objetivo evidente deste terceiro método é enviar mensagens de tal forma

que sejam incompreensíveis, não só para o médium de comunicação e para a pessoa que as recebe, mas para todos, até que a pista seja seguida e a mensagem descodificada, momento em que o significado deverá ser inconfundível. Se testes deste tipo são realizados com sucesso, é evidente que nenhum tipo simples de leitura de pensamentos pode ser invocado ou considerado uma explicação racional.

O método consiste em especificar o número de uma página num livro, ele próprio indicado apenas pelo seu lugar numerado numa dada prateleira de uma estante cuja posição é descrita, numa casa à qual o médium não precisa ter tido acesso, embora uma casa presumivelmente, ou geralmente, bem conhecida do suposto comunicador. A ideia é que uma frase seja subsequentemente encontrada nessa página por quem quer que siga as instruções e identifique o livro, e que essa frase transmita suficientemente uma mensagem pretendida, ou mostre uma semelhança de pensamento com o que foi dito de outra forma, ou seja apropriada às circunstâncias reais ou à ligação passada entre o comunicador e o destinatário pretendido.

A coincidência fortuita sugere-se como a primeira explicação óbvia; mas embora a coincidência fortuita possa servir para alguns casos, o número de tais testes já recebidos é, a esta altura, suficientemente grande para tornar essa explicação extremamente difícil—e, de facto, quase a exclui. No entanto, é uma questão que deve ser seriamente discutida, pois será inevitavelmente perguntado—na verdade, a pergunta faz-se a si mesma—como pode tal poder, o poder de saber ou perceber o que está numa certa página de um livro não aberto, invisível e distante, ser possuído por alguém, seja descarnado ou não?

Como podemos supor que tal poder seja possível? Como pode o feito ser realizado de outra forma que não por engenho pré-arranjado e enganador?

Não desejo antecipar o veredito que está agora a ser preparado, baseado num longo e responsável exame dos factos; mas para mim, a questão não é uma que possa ainda ser respondida. Mesmo a condição sugerida acima como naturalmente de esperar—que o livro seja um familiar ao comunicador—mesmo essa parece não ser realmente essencial. Há evidências de que, por vezes, mediante um esforço especial, um livro lacrado prescrito, ou um livro na casa de um estranho, pode ser parcialmente lido, ou alguns detalhes nele corretamente dados, por um

comunicador especialista. E é até afirmado, de maneira responsável, que algumas características sobre a primeira página do Times do dia seguinte podem ser percebidas, desde que o material já tenha sido composto em tipo. (Ver uma série de artigos do Rev. C. Drayton Thomas em Light durante a primeira metade de 1920.)

Qual pode ser a relação deste singular poder clarividente e até que ponto afeta a nossa evidência para a sobrevivência, é um assunto aberto a discussão; porque pode ser argumentado que se todos os tipos de registos podem ser lidos por meio de uma faculdade humana clarividente, então uma prova de sobrevivência, baseada na suposição de que alguns tipos de informação recebida supernormalmente devem ser rastreados até uma fonte extraterrena, torna-se cada vez mais difícil ou incerta. Com esse argumento, no entanto, não tenho nada a ver na presente ocasião.

A existência do poder de ler num livro fechado não é uma descoberta nova; já tinha sido demonstrada de forma muito clara por aquele conhecido automatista de uma geração passada, Mr. Stainton Moses, mestre na University College School, em Londres: os detalhes do teste sendo relatados no seu livro chamado Spirit Teachings (p. 33 da Memorial Edition). Este poder inesperado e curioso tem sido atribuído por vezes à hiperestesia, por vezes à clarividência; mas chamar ao poder qualquer um destes nomes não é uma explicação, tal como chamar «telepatia» a uma faculdade não é uma explicação.

Se sou pressionado a dizer que explicação, se alguma, começa a parecer-me plausível, tenho de confessar que estou em dificuldade. Só posso dizer, sem preconceito e sem esperar muito acordo, que me parece provável que para explicar todas estas coisas teremos de admitir o acesso a um conjunto de fenómenos mentais até agora ignorados pela ciência. Pode até descobrir-se que algumas das coisas agora, e no geral sabiamente, relegadas para o monturo da superstição terão de ser desenterradas e reconsideradas.

Parecemos estar no limiar de uma posição algo análoga à de uma tribo selvagem isolada quando entra pela primeira vez em contacto superficial com visitantes de países mais desenvolvidos do que o seu—pessoas que possuem poderes estranhos e inexplicáveis.

Tal incursão de uma civilização superior ou estrangeira seria ressentida; as afirmações sobre a existência de uma raça branca seriam ridicularizadas; e o intercâmbio poderia ser proibido pelos sacerdotes; mas, em última análise, para melhor ou para pior, os factos teriam de ser aceites e incorporados no conhecimento comum.

Tais ampliações da experiência, se súbitas, devem estar cheias de perigo; e aqueles que resistem e se opõem à incursão podem estar a prestar o seu tipo de serviço ao tornar a sua aceitação lenta e gradual. As pessoas em geral ainda não são chamadas a enfrentar tal posição; é provavelmente indesejável que o sejam. Enunciei-a como uma hipótese cuja discussão vejo surgir no futuro—futuro de modo nenhum distante—, mas não precisa de ser considerada, por agora, como um resultado necessário dos factos.

A primeira coisa é certificarmo-nos dos factos e desenvolver uma explicação mais tarde. Se recusássemos sempre atender ou utilizar um facto até o compreendermos e termos uma teoria sobre ele, estaríamos na posição absurda de recusar reconhecer a verdade da afirmação de que objetos não suportados se movem em direção ao centro da Terra; pois, no atual estágio do nosso conhecimento, o «peso» não é compreendido.

O caminho mais simples é rejeitar os factos completamente como manifestamente impossíveis, mas o aparentemente simples não é necessariamente o verdadeiro; além disso, é uma atitude que nos estulta opor-nos aos factos, recusar aprender com eles e correr o risco de negar a realidade apenas porque não nos damos ao trabalho de investigar e compreendê-la. Os factos são relatados de forma idónea e são dignos de exame crítico; embora os críticos farão bem em não se decidir precipitadamente, mas em esperar pelo prometido relatório detalhado e cauteloso.

O resultado pode ser ampliar a experiência em alguns aspetos atualmente insuspeitados. Pensou-se impossível, noutra época, analisar quimicamente as estrelas, porque nenhuma partícula delas podia ser colocada nos nossos tubos de ensaio.

A verdade é reconhecida como simples apenas quando é adequada e plenamente apreendida. Os fenómenos da análise espetral estavam, há alguns anos, a tornar-se tão surpreendentemente complexos que afligiam alguns físicos com uma espécie de desespero; as linhas num espetro eram

tão numerosas, tão estranhamente agrupadas e tão artificialmente variáveis; no entanto, vemos agora que o resultado vai ser uma bela teoria simples da estrutura dos átomos—uma teoria que unificará todas as formas de matéria e exibirá a sua espantosa variedade como resultado da combinação ordenada de alguns ingredientes muito simples. As multifacetadas notas da orquestra estão a fundir-se numa sinfonia harmoniosa.

Assim será, sem dúvida, com estes factos psíquicos, quando os compreendermos. Podemos fazer hipóteses, mas fingir formar qualquer teoria sobre os Testes com Livros neste momento seria prematuro; eles representam evidentemente um esforço para provar a existência de poderes inesperados, mas para decidir como esses poderes são exercidos e a quem pertencem, devemos esperar até que, mediante estudo adequado, possamos formular uma teoria razoável que resista ao teste do tempo e ao influxo de mais experiência.

Enquanto essa experiência não chega, mantenho a minha, e a de muitas pessoas, hipótese quanto à fonte, embora não ao método, destes Testes com Livros.

Alguns dos jovens mortos na Guerra têm sido muito enérgicos e bem-sucedidos em obter testes deste tipo bastante difícil. Nem todos eles: Raymond não provou ser hábil neste método particular, embora o tenha tentado ocasionalmente, com um sucesso, no entanto, na minha opinião, dificilmente acima da coincidência fortuita. Mas muitos outros tiveram mais sucesso, e algumas pessoas cuidadosas deram-se ao trabalho de registar e subsequentemente verificar as suas mensagens da maneira rigorosa exigida pelos padrões da S.P.R. Estes serão, sem dúvida, tratados criticamente no relatório esperado em devido tempo de Mrs. Sidgwick.

Entretanto, estou pessoalmente convencido de que Lord e Lady Glenconner, entre outros, receberam um número de excelentes testes deste tipo, principalmente através do seu filho mais velho; e o relato daqueles com que eles e os seus amigos foram favorecidos está agora incorporado na narrativa que se segue.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO
NOTA PRELIMINAR E EXPLICATIVA
PARTE I

OS TESTES COM LIVROS DAS «NUVENS», I E II

(De The Letters of Lord Edward Fitzgerald; e de Lotus and Jewel, por Edwin Arnold.)

TESTE COM LIVRO III

("Deus sabe que estou contigo", dos Poems of Matthew Arnold.)

TESTE COM LIVRO IV

(A mensagem "Wolfgang", de Lewes' Life of Goethe.)

TESTE COM LIVRO V

(O Teste com Livro de George Washington, de The Life of George Washington.)

TESTE COM LIVRO VI

(O Teste com Livro de Brackett, de The World We Live In, por E. A. Brackett.)

TESTE COM LIVRO VII

(O Teste com Livro do título de The Story of Asseneth.)

TESTE COM LIVRO VIII

(O Teste com Livro das Mulheres na Guerra, de War Poetry, por X.)

TESTE COM LIVRO IX

(O Teste com Livro Earth's Overwhelming Strife, de Poems of Pleasure.)

TESTE COM LIVRO X

(A mensagem para os Amigos no Batalhão, da dedicatória de War Poetry, por X.)

TESTE COM LIVRO XI

(O Teste com Livro de She.)

TESTE COM LIVRO XII

(O Teste com Livro do "Escaravelho", de Trees, publicado por Jack, de Edimburgo.)

TESTE COM LIVRO XIII

(De Juan de la Cruz, The Dark Night of the Soul.)

TESTE COM LIVRO XIV

(O Teste com Livro do "Vale da Decisão", título e subtítulos, por Edith Wharton.)

TESTE COM LIVRO XV

(O Teste com Livro de Agnes Weston.)

TESTE COM LIVRO XVI

(O Teste com Livro "Love Endures despite Death's sombre will", de Windlestraw.)

TESTE COM LIVRO XVII

(O Teste com Livro da "Visão do Peregrino", de Poems, por Oliver Wendell Holmes.)

TESTE COM LIVRO XVIII

(O Teste com Livro dos "Círculos", de The Mysticism of Colour.)

PARTE II

A SÉRIE DRAYTON THOMAS

TESTE COM LIVRO XIX

(O Teste com Livro do Eclesiástico.)

TESTE COM LIVRO XX

(O Teste com Livro das Oito Palavras.)

TESTE COM LIVRO XXI
(O Teste com Livro do Doutor Donne, de Walton's Lives.)
TESTE COM LIVRO XXII
(A mensagem para os irmãos de E. W. T., Teste com Livro, de Ardours and Endurances.)
TESTE COM LIVRO XXIII
(O Teste com Livro de The Memoir of E. W. T.)
TESTE COM LIVRO XXIV
(O Teste com Livro do "Caravanning" e "Reflection".)
TESTE COM LIVRO XXV
(O Teste com Livro do título de Paradise Lost.)
TESTE COM LIVRO XXVI
(O Teste com Livro do "Triumph of Life".)
TESTE COM LIVRO XXVII
(O Teste com Livro "Fruit is at thy feet", de Poems of Shelley.)
RELIGIÃO E ESPIRITUALISMO
APÊNDICE I
(Relato de Mrs. Leonard sobre a sua apresentação a Feda.)
APÊNDICE II
(Excerto do Fédon, dos "Diálogos Divinos" de Platão.)
APÊNDICE III
(Um Poema de Emily Bronte.)
APÊNDICE IV
(O Teste com Livro do "Times".)
CONCLUSÃO

PARTE I

CAPÍTULO I

Teste com Livro I.

Edward Wyndham Tennant 1 e George Heremon Wyndham 1 estão envolvidos neste teste. Foi dado através da mediunidade de Mrs. Leonard, controlada por Feda, em 19 de abril de 1917, na sala de estar de Wilsford Manor, Salisbury. Pamela Glenconner tomava notas; estando também presentes Mrs. Guy Baring, David Tennant, Ava Bodley e Josephine Wilkinson.

Feda. "Bim trouxe George outra vez; ele está tão contente que as suas mensagens chegaram à Mãe. Têm agora um Teste com Livro para ela, para que ela possa ter a certeza de que é George a falar-lhe. Tem algum livro com que ele estivesse ligado? Cor verde escura perto do livro. Veja na

página 27, se conseguir encontrar este livro, diz ele, e no lado esquerdo da página há uma mensagem dele. Ou algo que possa tomar como uma mensagem dele."

1 Edward Wyndham Tennant, conhecido como Bim ao longo destas páginas, filho de Lord e Lady Glenconner, e George Heremon Wyndham, filho do Coronel Guy Wyndham, irmão de Lady Glenconner.

Estas indicações foram enviadas para a família de George. O seu pai tinha vindo recentemente viver para Clouds 1 e tinha colocado os livros que trouxera consigo em prateleiras na sala de estar. Procurou primeiro entre os livros que tinham pertencido a George, mas descobriu que consistiam apenas em alguns velhos livros de lições, sem nada de aplicável; procurou então entre os outros livros um encadernado em verde. O primeiro volume que retirou foi The Memoirs of Lord Edward Fitzgerald (por Thomas Moore, editado por Martin MacDermott, Downey & Co., 12 York Street, Covent Garden, 1897). Este livro está ligado a George, pois o autor é o trisavô de George. Na página 27, as palavras que abrem um parágrafo são as seguintes:

«O que não daria eu para estar convosco para vos confortar, queridíssima Mãe»

«Garanto que a narração dos factos acima é precisa.»
(Assinado) Guy Wyndham.

1 A residência rural em Wiltshire, a casa dos Percy Wyndham.

Mrs. Leonard nunca visitou Clouds, nem lá esteve.

Teste com Livro II.

Edward Wyndham Tennant e George Heremon Wyndham, comunicando através da mediunidade de Mrs. Leonard, estão também envolvidos neste segundo Teste com Livro. Foi obtido em 25 de julho de 1917, na sala de estar de Wilsford Manor, Salisbury, com Pamela Glenconner a tomar notas; estando também presentes David Tennant, Olivia Wyndham, Olive Baring e Leila Piatt.

Feda (falando através da mediunidade de Mrs. Leonard).
"Bim e George vão fazer outro Teste com Livro para mostrar que o último não foi por acaso. Bim é muito habilidoso nisto. Por favor, arranje um lápis, diz ele, e tome tudo com muito cuidado.

"Num lar perto daqui, no quarto de uma senhora, um quarto de canto, não bem quadrado, ele dá a letra C. . . ." {Nota.—Feda não nomeou a altura da prateleira, mas indicou uma altura com a mão, que David Tennant estimou em 1,35 metros.) "O sétimo livro na prateleira, contando a partir do canto do lado esquerdo da lareira. A letra G é também dada. A palavra sétimo . . . sétimo ... ele dá a palavra sétimo." (Isto foi repetido, com insistência.) "Na página 84—ou 48 ... uma página com muito branco, pouco escrito, apenas muito pouco na página. E o que está na página pode ser tomado como uma mensagem. Há algo que lida com o Passado e o Futuro também, não necessariamente o Passado e o Futuro imediatos."

Pensou-se, pela letra C ter sido dada, e "um lar perto daqui" ter sido mencionado, que Clouds era novamente a intenção: uma casa onde a avó de George Heremon e Edward Wyndham Tennant vivia. Fez-se uma busca na sua sala de estar, que é um quarto de canto e não bem quadrado.

Na posição indicada há quatro prateleiras, cada uma dividida em duas. O Coronel Wyndham retirou primeiro o sétimo livro a partir do canto na primeira divisão da penúltima prateleira de cima, mas não encontrou nada de aplicável. Retirou então o sétimo livro na segunda divisão, que era Lotus and Jewel, por Sir Edwin Arnold. Na página 84 encontrou apenas uma quadra, estando a página de resto em branco; era a última de um poema que era o sétimo de uma série, intitulado A Casket of Gems, 1 e era também o sétimo volume da edição. Dizia o seguinte:

«Não os alcançaremos, senão com a Terra como Vaso,
O Céu por nosso Mar, e por longa Jornada, a Vida—
Mas se o amor governa, por fim as nossas velas poderão aninhar-se
Recolhidas, naquelas Ilhas Longínquas, para além da tempestade e da luta!»

As indicações dadas pareciam aqui cumprir-se, exceto uma alusão ao Passado e ao Futuro; mas no mesmo poema, página 83, e nas páginas seguintes, descobriu-se que "As Ilhas Felizes" e "O Paraíso" são descritos, e ocorrem os versos:

"Onde a maravilha do 'donde' e do 'porquê' e do 'para onde' se mostram;
O Passado percebido, o Futuro certo e conhecido"

1 Kegan Paul, Trench, Trübner & Co.

"Onde a Morte não vem, nem a Mudança, nem o Ódio, nem o Cuidado"
"Onde encontraremos amigos e amantes deliciosos
E não ouviremos palavra de Ai em lábio algum, ..."
«Para lá navegar!»

O livro estava por abrir.

"A declaração acima sobre este Teste com Livro é precisa."
(Assinatura) Guy Wyndham.

Incluo aqui a seguinte carta do meu irmão, o Coronel Wyndham. Ele escreve a Lady Trowbridge, que naquela altura estava a recolher os Testes com Livros no interesse da Society for Psychical Research.

Clouds,
East Knoyle,
14 de julho de 1918.

Cara Lady Trowbridge,

Envio-lhe todas as informações que posso sobre o assunto. O primeiro teste é muito bom, desde que se permita considerar o livro ligado ao meu filho.

O segundo teste é certamente notável. Sem dúvida que há discrepâncias, mas o facto principal é que as indicações dadas foram suficientes para que as passagens fossem facilmente encontradas.

Atentamente,
Guy Wyndham.

Teste com Livro III

Este Teste com Livro foi dado novamente através da mediunidade de Mrs. Leonard, controlada por Feda; o comunicador desta vez sendo o Capitão Evelyn Piatt do 1.º Batalhão dos Coldstream Guards, que foi morto em França em 15 de maio de 1916; ele estava a enviar uma mensagem para a sua esposa, que estava sentada com Pamela Glenconner para comunicação em 25 de julho de 1917, em Wilsford Manor, Salisbury.

Após algum tempo de conversa através de enunciados em transe, Feda disse:

«Ora aqui está um Teste com Livro. Está nesta casa, no rés-do-chão. Encontrará o livro perto da porta, com letras douradas. É o décimo livro na prateleira contando a partir da porta. A letra A é proeminente. Ar... há duas mensagens para ela na mesma página; veja na página 37.»

Na biblioteca do rés-do-chão, a cerca de meio caminho do chão até à prateleira mais alta, o décimo livro contando a partir da porta descobriu-se ser os poemas de Matthew Arnold. 1 É um volume verde com letras douradas. Voltando à página 37, encontrámos o soneto que começa:

«Deus sabe que estou contigo...»

e os versos finais são os seguintes:

«Se a tristeza no longo e desgastante espetáculo
Em que os grandes da Terra são inquietados.
Se pensamentos, não ociosos, enquanto diante de mim fluem
Os exércitos dos sem-abrigo e dos mal-alimentados—
Se estes são vossos, se é isto o que sois,
Então sou vosso, e partilho o que sentis.»

Este foi um Teste com Livro com três pontos de contacto; os outros dois foram interpretados com sucesso, mas sendo de caráter privado, não são aqui dados.

1 Na Canterbury Poets Series. Editado por William Sharp.

Mrs. Piatt teve de sair apressadamente para apanhar um comboio, dando-me as notas, com indicações. E foi assim que aconteceu que, nesta altura, sem saber da importância atribuída à existência de uma testemunha do procedimento, procurei este teste e o encontrei, sozinha; por isso, como evidência, não tem valor; mas o endosso da destinatária é dado de bom grado.

"Reconheço a fonte de onde este Teste com Livro é extraído e considero-o inteiramente aplicável. Especialmente nas passagens finais da mensagem, nas partes deste Teste com Livro que prefiro suprimir, reconheço alusões que só ele, que pretende estar a comunicar, poderia ter conhecido."

Talvez seja oportuno observar aqui que Mrs. Leonard não estava hospedada na casa. Ela percebe tão bem o significado do trabalho que está a ser feito através dela, que compreende a necessidade que tenho quando

registo que ela vivia noutra casa, visitando Wilsford apenas nas horas reservadas para as sessões, e partindo imediatamente após estas terminarem.

CAPÍTULO II

Teste com Livro IV

Para compreender a pertinência da mensagem contida no seguinte Teste com Livro, devo contar algo do cenário e mencionar pormenores relativos às pessoas que diz respeito.

Edward Wyndham Tennant, conhecido como Bim, o remetente da mensagem, é o mais velho de quatro irmãos. Quando caiu na Batalha do Somme em setembro de 1916, o seu irmão mais novo, David, tinha catorze anos. As aventuras de David e o seu plano geral de vida sempre atraíram Bim, que sentia grande prazer na sua infância. A Mãe deles lembra-se de Bim lhe contar que, uma vez, numa multidão barulhenta de crianças, David, então um pequeno rapaz de seis ou sete anos, se aproximou dele e, completamente alheio à turba que os rodeava, disse: "Bim, sabes que Sírio é uma estrela de primeira grandeza."

Depois voltou ao jogo.

David conhecia uma família de amigos na aldeia com quem costumava brincar. Quando acabava as lições e desejava a sua companhia, ele sinalizava e gritava por eles através dos prados alagadiços, de pé no relvado; e o grito de resposta deles, fraco à distância, e o seu aparecimento rápido, a sair por todos os buracos da sebe, era uma das observações preciosas de Bim.

David conduzia todos os seus passatempos com imprevisibilidade e potência. O zelo com que perseguia as suas ocupações diárias era igualado pela sua absorção nos livros que eram lidos em voz alta nas horas da noite.

A Mãe contava-lhes histórias ou lia-lhes contos, e ela lembra-se de Bim lhe dizer: "Durante todo o tempo em que estás a ler em voz alta, adoro olhar para David a ouvir, com os seus grandes olhos escuros."

O vínculo entre estes dois, o mais velho e o irmão pequeno, era muito forte, e muito depois de os dois rapazes mais velhos terem ido para a escola, a frase "Mãe e Filho" era usada por Bim em relação a David e à sua Mãe.

Station Hotel, Crewe,
23 de outubro de 1917.

Feda (falando por Bim através da mediunidade de Mrs. Leonard). «Ele diz agora que vai enviar uma Mensagem com Livro para o seu irmão David; diz que David não deve pensar que é paternalista, como se ele ainda fosse um rapazinho. É, no entanto, especialmente para David.

"Isto está na casa em Londres, e deve ser encontrado num quarto no rés-do-chão. A página é o número 14, e a mensagem está a três quartos da página para baixo. Está no oitavo livro na terceira prateleira contando da direita para a esquerda. Encontrará algo redondo ligado ao livro em questão.

"Perto dele há um livro que fala de grandes espaços—grandes, grandes espaços" (levantou as mãos acima da cabeça). "É um livro que fala das estrelas."

1 4.ª edição. Smith Elder & Co., 15 Waterloo Place, 1890.

Ao regressar a Londres, fui à biblioteca em 34 Queen Anne's Gate, uma sala no rés-do-chão, desconhecida de Mrs. Leonard. Na terceira prateleira encontrei o oitavo livro, contando da direita para a esquerda, como sendo Lewes' Life of Goethe. 1 Dois livros depois deste havia um volume chamado Astro Theology, or the Demonstration of the Attributes of God, from a survey of the Heavens. 1

Na décima quarta página do oitavo livro (Lewes' Life of Goethe) encontrámos a seguinte passagem:

"Numa bela tarde, quando a casa estava silenciosa, o Mestre Wolfgang, com o seu copo na mão e sem nada para fazer, encontra-se a olhar para a rua silenciosa e a fazer sinais telegráficos para os jovens Ochsenstein que viviam em frente. Para fazer alguma coisa, começa a atirar a louça para a rua, encantado com o barulho que faz e estimulado pelos irmãos Ochsenstein, que se riem dele do outro lado da rua. A indulgente

Mãe regressa e vê a travessura com horror de dona de casa, até que, derretendo-se em simpatia, ri tão calorosamente como a criança. . . .

"Esta Mãe empregava as suas faculdades" (continua a passagem) "para contar histórias para seu e seu próprio deleite. 'A todos os fenómenos naturais,' escreve ela, 'eu dava um significado. Enquanto pensávamos nos caminhos que vão de estrela em estrela, e que um dia habitaríamos as estrelas, e quando pensávamos nos grandes Espíritos que lá encontraríamos, eu estava tão ansiosa pelas horas de contar histórias como as próprias crianças. Lá estava eu sentada, e Wolfgang segurava-me com os seus grandes olhos negros!"

1 Astro Theology, por W. Derham. 6.ª edição. Impresso para W. Innys no West End de Saint Paul's, MDCCXXXI.

A passagem termina com as palavras:

"Que vislumbre encantador de Mãe e Filho."

Este Teste com Livro trouxe tamanha convicção aos membros da família de Bim, que quando foi encontrado e lido em voz alta foi recebido com o riso do reconhecimento imediato. Apenas uma última indicação restava ser seguida, a que falava "de algo redondo ligado a este livro." E considerou-se descoberta quando, virando para a frontispício, se viu que representava a reprodução de uma miniatura pintada emoldurada por uma moldura redonda preta.

Tentar descrever o brilho feliz nos corações do círculo familiar de Bim quando esta Mensagem com Livro foi lida seria, em letra de imprensa, impossível. Há, no entanto, momentos bem conhecidos de todos aos quais pode ser comparado: quando uma carta desejada chega; quando uma porta se abre e uma presença querida está diante de nós; quando, em suma, aquele que esteve ausente está em casa novamente. O riso corre de lábio em lábio, e os olhos falam de contentamento. Tal momento era agora deles; estavam felizes; e era Bim, como antigamente, que os tinha alegrado.

Garantimos que os factos deste caso são como acima representados, e estivemos presentes no encontro da mensagem.

(Assinado) Glenconner.
David Tennant.

Teste com Livro V

Station Hotel, Crewe,
23 de outubro de 1917.

Feda (falando através de Mrs. Leonard para Edward Wyndham Tennant). «Este é um Teste com Livro, agora, para a sua Mãe. Não é suficientemente bom, diz ele, é tão vulgar, mas servirá como sinal de que o está a enviar.

«Ele diz que o encontrarão na mesma sala do rés-do-chão, como o de David, no décimo sexto livro contando da direita para a esquerda, página 27.

«A letra S é proeminente na página de rosto. Há um livro de Merey—Meri—algum nome como 'Merry'—perto dele na mesma prateleira.»

O livro, ao procurar, revelou ser The Life of George Washington. 1 Na página de rosto, Soldier and Statesman segue o nome. Na 27.ª página há uma alusão à família de George Washington, seis filhos no total, um morrendo na infância—o que é idêntico à família de Edward Wyndham Tennant, que supostamente estava a dar o Teste com Livro; e segue-se uma alusão à recordação de George Washington da afeição do seu Pai:

«E ao cuidado formativo da sua Mãe,» continua a passagem, «ele atribuiu a origem de tudo o que tinha alcançado.»

Na mesma prateleira, três livros depois do especificado, havia um volume de Merriman, The Sowers.

1 Por James Harrison. Heroes of the Nations Series. G. P. Putnam & Sons. 1906.

Atestamos a verdade do acima exposto.
(Assinado) Glenconner,
David Tennant.

Esta sala era desconhecida de Mrs. Leonard.

CAPÍTULO III

Teste com Livro VI

17 de dezembro de 1917.

Feda (falando através de Mrs. Leonard), após algum tempo dedicado à comunicação através de enunciados em transe:

«Agora Bim diz que está a enviar uma mensagem; um Teste com Livro para a sua Mãe. Diz que está na sala de estar, no lado da estante perto da porta. Devem olhar na terceira prateleira e pegar no quinto livro contando da esquerda para a direita; virar para a página 83. Diz que a passagem alude à sua vida presente e ao que vocês sentem sobre ela. Diz: 'Dize-lhe que o seu amor por mim transpôs o abismo, e o amor mostrou o caminho.' Repete que 'o amor mostrou o caminho.'»

Ao regressar a casa, quando procurei entre os livros, encontrei o quinto livro na terceira prateleira contando da esquerda para a direita como sendo um intitulado The World We Live In, escrito por Brackett e publicado por Richard Badger, Boston (The Gorham Press, 1909).

Na página 83 li:

«O caminho para o Mundo Invisível
Está cheio de esperança e alegria indizível.
Com o rico desabrochar do Amor e o ar fragrante,
Actos desinteressados e oração silenciosa.
Quem procura subir por outro caminho
Demorar-se-á muito, extraviar-se-á,
Pois só o Amor pode apontar o caminho.»

Agora volto às minhas notas, tal como tomadas na altura. Continuam assim:

«Na página anterior, bem, não propriamente a página anterior, diz ele—mas virando a folha antes—encontrará uma alusão a uma coisinha que teve há muito tempo. Algo que costumava usar; tinha-o quando era rapariga; diz que sorrirá quando encontrar isto, mas as palavras aplicam-se.»

Olhei para a página 82, e aqui encontrei um interessante endosso das indicações dadas, pois essa página estava em branco. Isto era, evidentemente, a razão pela qual se disse a Feda para dizer "não propriamente a página anterior, mas virando a folha antes," pois no verso da página em branco encontrei cinco linhas impressas, o parágrafo final do capítulo. A passagem diz o seguinte:

«O Espiritualismo caminha de mãos dadas com a beleza e a simplicidade de Cristo.»

Ora, entre a coleção de joias que era minha antes de casar está um fino anel dourado. É um anel de noivado da Normandia, e tem o desenho de mãos entrelaçadas. É um anel triplo num pequeno pino central, que mantém os três anéis juntos; abre-se com as duas mãos a separarem-se, revelando o desenho de dois corações no terceiro anel. Bim conhecia bem este pequeno objeto; sabia também que era meu antes de casar, e o seu plano de construção é, verdadeiramente, "de mãos dadas." No entanto, até regressar a casa e encontrar a passagem que continha a alusão, não fazia ideia a que "coisinha" ele se referia.

Agora cito mais uma vez das minhas notas.
Feda. «Quinto livro; perto dele há um volume de carácter histórico, não aceite como histórico (e sabe, diz ele, que se interessará em saber que o espírito de uma Era Egípcia prevalece novamente neste tempo? mas isto é difícil de explicar claramente agora), e na página 103 do quinto livro encontrará uma alusão a uma época, um período no tempo, mais do que a um lugar.»

Nesta página, a passagem dizia o seguinte:

«Temos uma forma de culto sob o nome de Cristianismo que remonta a milhares de anos antes da Era Cristã.»

Mais uma vez volto às minhas notas.
«Um livro de carácter histórico, não aceite como histórico, diz ele.»

Teste com Livro VII

O quinto livro, como vimos, era o de Brackett; o seguinte encontrei ser The Story of Asseneth, a narrativa lendária da esposa de José. Esta história é incluída por Vincent Beauvais no seu Speculum Historiale, compilado por ele no Século XIII, pelo que se adequa bem à descrição "não aceite como histórico," e o facto de Bim, subitamente e entre parêntesis, aludir ao Egito neste ponto, enquanto lidava com o Teste com Livro, é de interesse vivo.

Pode-se ver a ligação na sua própria mente, com o Egito, e o livro que tinha escolhido. Ele sabia o fascínio que a sua Mãe sentia pela ideia de vidas anteriores vividas no antigo Egito. Sabia de uma história de sonho que ela uma vez sonhara, cuja cena se passa no Egito; e sabia, também, do dito de um amigo, que, ao ouvir o sonho, exclamou: "Isso não é um sonho vulgar, isso é uma memória, isso aconteceu"; mas, embora soubesse o interesse que a sua Mãe teria no que ele pudesse ter-lhe contado, colocou tudo num parêntesis, à sua maneira viva e rápida, empenhado em prosseguir o assunto principal no momento, que era o seu Teste com Livro.

O seu próprio soneto sobre a «Reencarnação» mostra claramente o quão consciente ele próprio estava do toque do Passado.

«Também me lembro de dias dourados distantes
Quando até a minha alma era jovem; vejo a areia
Redemoinhar numa coluna ofuscante em direção à faixa
Do céu cor de laranja sob um brilho turquesa —
(Algum céu queimado estendido sobre uma terra cintilante)
—E homens esguios e morenos, tagarelando, em azul e ouro,
Conheço tudo tão bem, compreendo
O êxtase da adoração, secular.
Ouve a primeira verdade: a grande alma de longo alcance
Está sempre na mais humilde casca; vejo
Como cada secção sucessiva cobra o seu tributo
Em ciclos desvanecidos da velha memória,
E cada nova vida controlará a vida seguinte,
Até que a perfeição alcance a Eternidade.»

CAPÍTULO IV

Teste com Livro VIII

Obtido numa sessão realizada em 34 Queen Anne's Gate, Londres, 6 de maio de 1918.

Feda. «Agora, diz ele, os Testes com Livros—ele tem dois—ambos para a sua Mãe, e um terceiro que gostaria que fosse tomado como uma mensagem para todos ... todos eles ... (não consegue transmitir isto muito

claramente, mas repete, é uma mensagem para muitas pessoas ... que ele conhece...).

"O primeiro está entre alguns livros perto de escadas; no lado esquerdo de umas escadas."

Ora, se Feda tivesse dito "degraus" em vez de "escadas", teríamos entendido imediatamente; assim, nós que estávamos a ouvir e a tomar notas ficámos completamente perplexos. Um de nós disse: "Não há estantes nas escadas. O que pode significar?"

Feda respondeu: "Bim diz que aquele quarto que não está a ser usado agora; sabem, com escadas lá dentro."

Então reconhecemos o meu quarto lá em cima que, devido aos ataques aéreos, estava desusado há algum tempo; para entrar neste quarto é necessário descer três degraus. Uma pequena estante está pendurada na parede à esquerda da entrada.

«Agora então, diz ele, que já têm o quarto, procurem um livro de capa cinzenta, um dos livros da fila tem um bocado rasgado na lombada; peguem no segundo livro contando da esquerda e vejam na página 29. As palavras falam do sacrifício e do sofrimento na Guerra; falam da Guerra. Levem-no muito literalmente, diz Bim, senão não estará correto.»

Este quarto era desconhecido de Mrs. Leonard.

Após a sessão, procurámos e descobrimos que o segundo livro na prateleira era um chamado War Poems por X. 1 Na página 29 havia alguns versos aludindo às esposas e mães na Guerra.

1 Martin Secker, No. 5, John Street, Adelphi, Londres.

«Oh, não se esqueçam disso,
Filho de mãe,
São soldados, soldados,
Todos eles.

«Soldados, amando
Os que partiram,
Soldados, soldados,
‘Continuando!’

«O mais orgulhoso regimento
Já conhecido,
Chamemos-lhes
'O Senhor é seu!'»

Três livros depois deste havia um volume com o título numa etiqueta ligeiramente rasgada e danificada.

«Agora a outra mensagem», continuou Feda, «para a sua Mãe está noutro livro, o quarto livro na prateleira de cima, vejam na página 56.»

Teste com Livro IX

E foi isto o que encontrámos quando procurámos, de acordo com estas indicações:

«Penso que a grande capacidade do homem para a dor
Prova o seu direito de primogenitura imortal, tende certeza
Que nenhuma mente meramente humana poderia suportar a tensão
Da tremenda tristeza que suportamos!»

«A menos que as nossas almas tivessem raiz em solo divino
Não poderíamos suportar a luta avassaladora da Terra;
A mais feroz dor que dilacera este meu coração
Convence-me da Vida Eterna.» 1

Agora, «a mensagem para muitos» tinha de ser tratada.

Feda tinha dito: «Bim diz que vejam na primeira página, há algumas palavras na página de rosto de um dos livros que ele mencionou; deixou passar o momento, e não consegue reunir força suficiente para a transmitir claramente agora... mas é uma mensagem para todos, diz ele.»

Teste com Livro X

Procurámos nas páginas de rosto dos dois livros que ele tinha especificado, e na do primeiro dos dois havia uma dedicatória em que o autor oferece os seus versos àqueles

«No Batalhão do qual regimento tenho muitos amigos»

Bim, nesta sessão, disse através de Feda, que queria que lhe dissessem com certeza se alguma das mensagens nos Testes com Livros não podia ser

encontrada, ou «saía errada», como ela disse, porque ele sabe o quão difícil é fazer passar as coisas claramente.

1 Poems of Pleasure, publicado por W. B. Conkey Company, Chicago. 1902.

«Ele só consegue vislumbres,» diz ele, «comparado com tudo o que gostaria de enviar.»

E depois reiterou o quão feliz o faz falar connosco.

«Toda a vossa felicidade volta para mim,» diz ele, «quando um Teste com Livro é descoberto ou temos uma boa sessão como esta, e a sensação de proximidade enche-me de alegria. Envio todo o meu amor, e bênçãos, e pensamentos constantes...»

Havia outros dois pontos neste teste; mas o destinatário das mensagens prefere que não sejam publicados.

Garanto que as indicações dadas e a descoberta dos livros foram como acima declarado.
(Assinado) David Tennant.

Teste com Livro XI

Dos muitos Testes com Livros que recebemos, apenas dois falharam. Um deles foi para um oficial camarada, e a pessoa que recebeu a mensagem não era membro da família de Bim, pelo que possivelmente o canal de comunicação não estava claro. O outro supostamente foi enviado por dois amigos de Bim, e os pormenores foram enviados para mim. Estando na Escócia na altura, não pude seguir as indicações, mas pedi a alguém que o fizesse por mim. Escreveram dizendo que a sua procura não tinha sido recompensada; e penso que a dedução pode ser que os Testes com Livros, para serem recebidos com sucesso, devem ser dados o mais diretamente possível. Não se pode dizer, no entanto, que foi um fracasso total, pois guardei as indicações e, quando regressei a Londres, percorri parte do assunto novamente. Na página numerada 6 para a qual fomos encaminhados, encontrei o índice dos títulos dos capítulos, e estes diziam o seguinte:

«Triunfo.
«Os mortos e os vivos encontram-se. ... O relato de uma das experiências mais maravilhosas e misteriosas.»

O livro em questão era She, de Rider Haggard. Se eu estivesse em Londres na altura em que o Teste com Livro me foi enviado, penso que teria verificado os outros pontos também, mas o quarto tinha sido preparado para a nossa chegada, e uma vez que as passagens nos Testes tinham sido procuradas sem sucesso, não se deu mais atenção.

CAPÍTULO V

O Teste com Livro que vou relatar agora é um que, para a família de Bim, carrega mais convicção da identidade do remetente da mensagem do que qualquer outro entre a rica coleção que é deles; mas para reconhecer verdadeiramente a sua pertinência, devo interromper a sequência contando novamente algo da vida familiar de Bim.

Nos anos anteriores à guerra, a Silvicultura era o principal interesse do seu Pai. Para se educar mais profundamente nisso, foi em 1901 à Alemanha, para ver as florestas de lá, cultivadas sob supervisão governamental, e embora não tenha importado para a sua casa escocesa a drástica regularidade e a monótona severidade do sistema alemão, as plantações e bosques em Glen são, em consequência, tratados com mais cuidado e inteligência do que as florestas da maioria das propriedades na Grã-Bretanha. O seu olho treinou-se para um estado de perfeição mais elevado possível para as árvores em crescimento do que é o caso da maioria das pessoas, pois muitas vezes, durante passeios através dos fragrantes bosques de pinheiros, quando surgiam expressões de admiração ou deleite pela bela paisagem, quão constantemente o veredito deprimente era proferido pelo Mestre das Árvores, de que os novos rebentos estavam a ser arruinados por «o escaravelho».

«Vês todas aquelas torções—aqueles desvios súbitos no novo crescimento? Isso mostra que o escaravelho lhes pegou. Não verias os danos nas árvores jovens como eu os vejo; é a maior praga com que temos de lidar...» e muito mais do género na conversa. O tema era tão familiar à família que Bim era conhecido por dizer à sua Mãe, em voz baixa: «Vejamos se atravessamos este bosque sem ouvir falar do escaravelho.» Se o seu Pai era indevidamente pessimista sobre algo, Bim dizia: «Todos os bosques têm o escaravelho.»

Palavras ligeiras para recordar, estas! espuma num Mar de Verão; dificilmente, dirão, dignas de serem recolhidas; e, de facto, nos primeiros meses amargos de luto, pouco recordadas.

No entanto, foi o próprio Bim que as havia de recordar.

Teste com Livro XII

17 de dezembro de 1917.

Feda. «Bim quer agora enviar uma mensagem para o seu Pai. Este livro é especialmente para o seu Pai; sublinhem isso, diz ele. É o nono livro na terceira prateleira contando da esquerda para a direita na estante à direita da porta na sala de estar, ao entrar; tomem o título e vejam a página 37.»

Encontrámos o nono livro na prateleira indicada: era Trees. 1

E na página 36, bem no fundo e continuando para a página 37, lemos:

«Por vezes vêem-se marcas curiosas na madeira; estas são causadas por um escaravelho escavador, muito prejudicial para as árvores...»

(Assinaturas de duas testemunhas do encontro e verificação desta Mensagem com Livro.)
Glenconner,
David Tennant.

1 Trees, por J. Harvey Kelman. Na série «Shown to the Children»; publicado por Jack. Edimburgo.

Se um observador casual estivesse presente quando rastreámos este Teste, «Esta não é uma família de luto,» teria dito: «estas são pessoas felizes.» E teria razão.

CAPÍTULO VI

Teste com Livro XIII

2 de março de 1918

Feda falando. «Esta é uma mensagem para o Pai de Bim. Não está no quarto onde Bim geralmente faz os seus Testes com Livros. Isto está no quarto do seu Pai, terceira prateleira a contar de baixo no canto mais

afastado do quarto; retire o nono livro contando da esquerda para a direita e veja a página 65. Cerca de meio caminho da página, o mais próximo que ele pode julgar corretamente, encontrará a mensagem. Diz que «sabe tudo o que o seu Pai sente, sabe o quanto ele o ama.» Esta mensagem será o que ele quer que o seu Pai diga quando se lembrar dele e pensar na sua passagem.»

O livro revelou ser The Dark Night of the Soul, de Juan de la Cruz, e a passagem termina assim:

«Que Deus Se digne dar-me a Sua Luz Divina, pois é de facto necessária numa noite tão escura e num assunto tão difícil.»

«Perto deste livro,» continuou Feda, «dentro do comprimento de um palmo dele, há um cujo título sugere o caminho que Bim percorreu desde que partiu.»

«O que é um comprimento de palmo?» perguntámos.

Feda respondeu: «A Sociedade 1 diz que um comprimento de palmo é o comprimento da sua mão quando estendida. Ponha o polegar no livro mencionado primeiro, e depois em qualquer direção em que a sua mão se vire, para cima ou para baixo, ou para qualquer dos lados, o livro certo pode ser encontrado.»

Teste com Livro XIV

Medindo a distância especificada a partir do nono livro já mencionado, encontrámos The Valley of Decision, de Edith Wharton; e é interessante notar que a matéria deste romance está dividida sob vários subtítulos, muitos dos quais parecem aplicáveis ao caminho que Bim percorreu:

«Multidões, Multidões no Vale da Decisão.»
«Um Dom da Sepultura.»
«A Velha Ordem e a Nova Luz.»

1 Mrs. Leonard estava nesta altura a trabalhar para a Society for Psychical Research, pelo que era a esta Sociedade que Feda presumivelmente aludia.

«A Escolha e a Recompensa.»
«Em Novas Margens Inunda um Novo Dia.»

Feda continuou:

«Todos estes estão bastante perto do nono livro. Agora retire o quinto livro, diz Bim, da esquerda para a direita, e veja a página 16, e encontre uma mensagem para a sua Mãe. Bem perto do topo da página. Algo que ele está a tentar muito fazer por ela, e com ela.»

Teste com Livro XV

Este livro, o quinto na prateleira contando da esquerda para a direita, descobrimos ser uma autobiografia de Agnes Weston, 1 e no topo da 16.ª página ocorrem estas palavras:

«Para fazer as crianças felizes, e a minha Mãe...»

Estive presente quando estes Testes com Livros foram verificados. (Assinado) Glenconner.

1 My Life among the Blue-jackets (James Nisbet, 1912).

CAPÍTULO VII

Teste com Livro XVI

Enquanto recebíamos comunicação nesta forma particular, a nossa felicidade não teria sido tão grande se fôssemos as únicas pessoas a receber tal testemunho. Outros, muitos outros, além de nós, estavam a receber Testes com Livros durante as suas sessões com Mrs. Leonard, e este capítulo será dedicado a três recebidos por Mrs. Beadon, que vive em 11 Cheyne Walk, Chelsea, por cuja gentileza me é permitido incluí-los aqui.

Ela escreve:

«Muito obrigada por me deixar ver estes registos. Como eles devem ficar contentes quando apanhamos a mensagem corretamente! O seu filho parece estar a ajudar tantos, e é natural que assim seja, visto que está a ajudar tantos deste lado ao longo das mesmas linhas de conforto; e ele deve sentir que está a trabalhar consigo.

«Espero que ele saiba o quão gratos lhe somos a ambos!

«Aqui está um teste que recebi na semana passada, através de Feda; o seu Filho estava a ajudar nele. Foi-me dito para encontrar a página 39 num certo livro, cuja posição e número me foram cuidadosamente descritos. Foi-me dito que lá estava uma mensagem para mim quando fico deprimida. «Diga-o a si mesma,» foi-me dito, «quando se sentir miserável.»

«Ao procurar, descobri que o volume era o seu livro de poemas, Windlestraw, 1 e na página 39 ocorre sozinho o verso:

«No entanto o Amor perdura, apesar da sombria vontade da Morte
Lê—se duvidares—nestas páginas escolhidas,
Aqui te alegrarás em encontrar estes amantes ainda
A cantar-nos as suas canções de amor, através das Eras!»

«Mrs. Leonard nunca esteve em nossa casa, nem conhece os meus livros, ou onde os guardo.

«Foi belo encontrar tal verso,» continua a carta. «O meu marido não lia poesia com frequência; as suas leituras eram ao longo de linhas que não ajudariam muito a encontrar uma mensagem expressiva. Pareceu-me verdade que o seu filho estava a ajudar, como tem feito tantas vezes, e era tão natural para ele usar as suas palavras.»

1 Um livro de versos de Pamela Glenconner, publicado pela Chiswick Press.

Atentamente,
J. E. Beadon.

Teste com Livro XVII

20 de setembro de 1917.—Outro Teste com Livro obtido numa sessão com Mrs. Leonard. A comunicação supostamente do Coronel Beadon, recebida pela sua esposa, J. E. Beadon, 11 Cheyne Walk, Chelsea.

«Numa sala quadrada, livros no canto, uma fila de livros a correr ao longo da parede, até ao canto a partir da janela. Pegue no quinto livro, contando da direita para a esquerda, página 71 ou 17. (Ambos os números foram repetidos várias vezes.) Sim—71.

«A mensagem não será tão bonita como ele gostaria que uma mensagem dele para si fosse, mas compreenderá que isto é para tornar o teste o melhor que ele puder.»

Este foi um Teste com Livro com sete pontos de contacto. Destes, seis foram rastreados e considerados apropriados.

As indicações continuam da seguinte forma:

(1) Refere-se a uma condição passada.
(2) Tem uma aplicação ao presente.
(3) É uma resposta a um pensamento muito presente na sua mente em certa altura. Esse pensamento já não está consigo agora, especialmente desde que conheceu Feda.
(4) Na página oposta há uma referência a fogo.
(5) Na página oposta há uma referência a luz.
(6) Na página oposta há uma referência a tempos antigos. (Tudo isto não tem nada a ver com a mensagem, compreende, mas é dado para que tenha a certeza de que está na página certa.)
(7) Na mesma página, ou é na página oposta? uma palavra importante que começa por S.

Ora, para tornar a aplicação das indicações acima evidente, Mrs. Beadon permite-me dar os seguintes pormenores:

William Beadon foi morto em ação na Mesopotâmia. O seu corpo foi sepultado pelo Capelão e pelos oficiais na mesma noite da sua morte, onde caiu. O oficial comandante escreveu que todos os vestígios da sepultura tinham sido cuidadosamente apagados para evitar profanação pelos árabes, e a sua localização é agora desconhecida.

Na sala, e na prateleira indicada, Mrs. Beadon descobriu que o quinto livro contando da direita para a esquerda era um volume de poemas de Oliver Wendell Holmes.

Na página 71 leu em «A Visão do Peregrino»:

«O cansado peregrino dorme,
O seu local de descanso é desconhecido;
As suas mãos foram cruzadas, as suas pálpebras fechadas,
O pó foi sobre ele espalhado.
O solo errante, a folha em decomposição

Sobre o relvado foram soprados;
A sua forma fundiu-se na Terra,
A sua memória vive sozinha.»

Agora vejamos as indicações tal como são dadas.

(1) Refere-se a uma condição passada.
Este poema, «A Visão do Peregrino», refere-se aos primeiros dias na América.

(2) Tem uma aplicação ao presente.
A aplicação é ao próprio caso do comunicador,

i. e., «o seu corpo recebeu sepultura reverente e o local de descanso é desconhecido.» E —

(3) É uma resposta a um pensamento muito presente na sua mente em certa altura, que já não está lá agora, especialmente desde que conheceu Feda.

Mrs. Beadon escreve: «Era uma questão constantemente na minha mente nos primeiros dias após ter recebido a notícia, sobre se seria possível identificar o local, com a ajuda dos oficiais que tinham estado presentes no sepultamento, e quando a Guerra terminasse, marcar o lugar com uma cruz. Tenho pensado muito pouco nisto ultimamente, nem me senti minimamente preocupada com isso.»

Voltemos agora às restantes indicações, tal como dadas por Feda na sessão.

(4) Na página oposta há uma referência a fogo.
(5) Também uma referência a luz.

1 Os espiritualistas são felizes, notarão, neste aspeto das sepulturas. Não se preocupam com elas em demasia, nem as veneram. Não os ouvimos dizer: «Fulano foi sepultado em Guillemont,» ou «Foi sepultado onde caiu.» Falam do corpo ser sepultado, não da pessoa. Os Críticos dos nossos dias ainda confundem Sócrates com o seu cadáver. Ver Apêndice I.

Mrs. Beadon encontrou o seguinte verso na página oposta:

«Ainda o raio da coluna de fogo
Ao longo do teu caminho brilhará,

Para iluminar a tribo escolhida que buscou
Esta Palestina Ocidental.»

(6) Há uma referência a tempos antigos.
Esta passagem, dando referência a fogo, luz e a viagem dos Israelitas, cumpre as indicações numeradas 4, 5 e 6.

(7) Este último ponto—«a palavra importante que começa por S»—é a única referência neste teste que não pode ser rastreada.

Ora, Mrs. Beadon voltou à página 17 (o outro número de paginação dado por Feda), e leu:

«A seta do índio, o salão do britânico,
A aresta sedenta do sabre,
A granada quente a estilhaçar na sua queda,
A cunha curva da baioneta,
Aqui espalhou a Morte; porém, procura o local,
Nenhum vestígio o teu olho pode ver,
Nenhum altar—e não precisam dele,
Aqueles que deixam os seus filhos livres.»

Esta estrofe cumpre mais uma vez o número 3 das indicações dadas, e uma luz interessante é lançada sobre a hesitação de Feda entre estes dois números, 71 e 17, contendo ambos, como contêm, a mesma aplicação.

«É notável,» escreve Mrs. Beadon, «que em nenhum outro lugar do volume possa encontrar qualquer referência que cumpra minimamente as condições da mensagem.»

«Garanto que a narração acima dos factos está correta.»
(Assinado) J. E. Beadon.

CAPÍTULO VIII

Teste com Livro XVIII

Foi-me dada permissão para incluir o seguinte Teste com Livro, desde que os nomes dos que o recebem sejam suprimidos.

O rapaz envolvido nele estava em Winchester com Bim.

Numa sessão com Mrs. Leonard, Feda disse à sua cliente que os rapazes estavam «a fazer passar esta mensagem juntos.» Ela disse:

«Bim está com * * *, a ajudá-lo com este Teste.»

As indicações para encontrar o livro foram dadas da maneira habitual, primeiro quanto ao quarto, depois à estante, depois ao número do livro na estante, e finalmente a página, seguida pelas palavras que dizem a substância da mensagem, ou a sua aplicação; mas embora este procedimento tenha sido observado com a meticulosidade habitual, a Mãe do rapaz não conseguiu encontrar nada que correspondesse às indicações dadas.

Eu estava na Escócia na altura, e ela escreveu-me dizendo que esperava que eu fosse vê-la quando regressasse a Londres, pois talvez eu tivesse melhores resultados.

Assim o fiz, e ela deu-me as notas tomadas na altura da sessão. As indicações eram as seguintes:

«Livros numa sala de estar, em direção ao canto da sala; livros numa prateleira que corre em direção a uma janela, livros à altura da cintura... (Não—diz ele que devo ter cuidado—cerca de um metro e cinco centímetros de altura.) Contar da esquerda para a direita, e retirar o quinto livro, e olhar na página 71 ou 17. A mensagem é de * * * para a sua Mãe, e toca na diferença da sua vida agora em relação ao que era antes. Uma parte trata de países estrangeiros, e uma parte do livro trata de círculos.»

(Feda fez aqui com que Mrs. Leonard descrevesse círculos no ar com o dedo.) «Sim—círculos. Menciona coisas circulares.»

Ocorreu-me neste ponto que, como não tínhamos tido sucesso em encontrar nada que se aproximasse das indicações dadas na casa da Mãe do rapaz, possivelmente poderia ser encontrado na nossa própria casa, em 34 Queen Anne's Gate, visto que lhe tinha sido dito que os dois rapazes estavam a trabalhar nisto juntos. Então fiz uma busca em casa, levando comigo, a seu pedido, as notas das indicações.

A biblioteca em 34 Queen Anne's Gate não é uma sala quadrada—é oblonga, mas com uma janela ligeiramente curva. Os livros estão nas prateleiras que correm entre a lareira em direção à janela. Retirei o quinto livro, contando da esquerda para a direita, de uma das divisórias mais próximas da janela. Era The Mysticism of Colour, de Finetta Bruce, publicado por Ryder, 164 Aldgate Street, Londres.

Olhei na página 17 e li:

«Os dois lados são tão dependentes um do outro para a sua existência como uma moeda o é do seu verso e anverso... O que pensaríamos do homem que imaginasse como irreais qualquer pessoa, lugar ou objeto que não pudesse realmente ver? ... Muitas vezes mostramo-nos ser crianças muito pequenas quando tratamos o Invisível como não existente, porque nesta fase da nossa evolução está oculto à nossa vista.»

Voltando às notas, vi que «uma parte do livro trata de países estrangeiros», e encontrei que um capítulo inicial do volume fala do México e do Egito, descrevendo os meios usados para transmitir mensagens à distância, e os métodos primitivos usados no antigo Egito para o mesmo fim.

Procurando agora os círculos, voltei à página 71, e descobri que a partir dessa página até à página 75 a escritora trata do arco ou linha curva do arco-íris, que, se completado, deve formar um círculo, e ocorrem as palavras:

«Embora apenas metade do todo seja vista por nós, a outra metade deve existir,»

e desenhada na página está o diagrama de um círculo, e outro é mostrado na página seguinte.

Esta Mensagem com Livro foi obtida em novembro de 1917, e o meu marido estava presente na biblioteca quando a rastreei, seguindo as indicações dadas.

«Atesto que os factos como acima declarados estão corretos.»
Glenconner.

PARTE II

A SÉRIE DRAYTON THOMAS

«Saúda o Invisível com uma aclamação.»

CAPÍTULO IX

Teste com Livro XIX

Durante o inverno de 1917 e os primeiros meses da primavera, tínhamos recebido tantas mensagens e tanto consolo através das minhas sessões com Mrs. Leonard, que me ocorreu que deveria desistir por um tempo de ter quaisquer sessões e deixar o tempo para outros, mais recentemente enlutados. Nessa altura, se alguém esperava marcar uma consulta, não era antes de três meses ou mais que conseguia uma sessão marcada, tão assediada estava esta médium por clientes, tão vasto era o campo do seu trabalho. Eu tinha estado sentada durante três meses no interesse da S.P.R., pois as nossas comunicações tinham sido de natureza tão probatória que o Comité, ao assumir os serviços de Mrs. Leonard, pedira-me para ser uma das clientes que ela podia receber.

Durante três meses, Mrs. Leonard foi a funcionária assalariada da Sociedade, que desejava investigar os seus notáveis poderes de mediunidade. Era-lhe permitido receber apenas as clientes que a Sociedade enviava, e estas eram, com poucas exceções, anónimas para ela. Um representante da Sociedade acompanhava invariavelmente estas clientes, para tomar notas. As minhas sessões foram durante os meses de janeiro, fevereiro e março; depois disso, desisti, pela razão acima dada.

No entanto, durante os meses seguintes, enquanto eu estava fora no campo, Bim conseguiu fazer chegar várias Mensagens com Livro através de outra cliente, então desconhecida para nós. Este era o Rev. Charles Drayton Thomas, de South Hill Lodge, Bromley, Kent, que estava a ter uma série de sessões com Mrs. Leonard, recebendo notável testemunho da verdade da continuidade para além da sepultura. Ele publicará os resultados em breve, diz-me, mas estes Testes com Livros particulares em que Bim participou, ele generosamente nos cede inteiramente para incluirmos na nossa coleção.

Na nossa consideração são valiosos, vindo como vieram através de um desconhecido para nós, e embora em alguns destes testes tenha havido um ou dois pontos que não conseguimos rastrear, na direção principal ou mensagem central de cada um, aplicavam-se de forma mais convincente.

O primeiro desta série é interessante pelo facto de estar ligado a um sonho meu. Sei que ao contar isto corro o risco de perder a simpatia de muitos leitores. Para algumas pessoas, basta mencionar um interesse em sonhos para que rapidamente o avaliem como um lunático; um lunático moderado, possivelmente, mas ainda assim um lunático. No entanto, terminarei a minha história, lembrando com toda a humildade que este caminho já foi percorrido antes.

Desde a infância, tenho a faculdade de sonhar com coerência. Sei o que Stevenson quer dizer quando escreve sobre os Brownies lhe darem temas para a sua pena. A maioria de nós, em graus variados, tem alguma perspetiva sobre outro mundo, e sonhar é uma janela tão boa como qualquer outra.

Tive uma série de sonhos em que Bim está comigo; ao acordar, lembro-me das suas palavras, e tenho um sentimento tão grande de felicidade e euforia no dia seguinte que acredito plenamente que estes sonhos são entrevistas.

Neste sonho em particular, no final de maio de 1918, ele falou das memórias da sua própria vida, um livro em que eu estava então empenhada. Era para mim uma tarefa difícil, um trabalho de amor mais penetrante do que alguém pode compreender: todos os dias era a espada a virar-se na ferida. No entanto, tinha de ser feito, porque o tesouro não deve ser escondido. Uma coisa que a tristeza me mostrou é que tudo o que tenho de bom neste aspeto deve ser partilhado.

Bem, neste sonho, Bim e eu conversámos. Ele pegou nas provas na mão, e eu disse-lhe o quão difícil achava, como me esforçava para escrever, e como me sentia desajeitada e impotente. Escrevê-lo era como trazê-lo à luz novamente, uma parturição moral. O parto é indolor, eu disse, comparado com escrever memórias de alguém que se ama.

Ele disse: «Mas não tens ideia do quanto me ajuda estar contigo. Só há uma coisa! Estás a elogiar-me demais.»

Respondi-lhe: «Sim, isso ocorreu-me, e tenho-me perguntado se sou capaz de fazer um retrato verdadeiro. No entanto, digo a mim mesma, ninguém me pediria para me sentar e contar os teus defeitos. Devo escrever como te conheço e desenhar-te como és visto por mim.»

Vi a felicidade no seu rosto; mas ele disse novamente, em tom de repreensão: «No entanto, estás a dar-me demasiado elogio; é tudo elogio a mim!»

E eu respondi no meu sonho:

«Mas olha para o texto que tomei como lema para o livro:

"Há aqueles que deixaram um nome atrás de si
Para que os seus louvores fossem relatados!"

E no meu sonho abracei-o, dizendo:
"Este livro é para relatar o teu louvor."»

Então acordei.

Agora, para tornar clara a aplicação da mensagem seguinte, devo aqui registar que este texto que tomei para o lema das Memórias é do Eclesiástico, Capítulo xliv.

A 2 de julho recebi uma carta de Mr. Drayton Thomas. Ele era então desconhecido para mim. Escreveu que estava a ter uma série de sessões com Mrs. Leonard, e que a sua desculpa para se apresentar devia ser o facto de ter sido duas vezes solicitado por alguém que se dizia ser meu filho para me escrever e enviar uma mensagem. Esta mensagem, fora-lhe dito, estaria num Teste com Livro, e as indicações para o encontrar foram ditadas. O volume seria encontrado entre os seus próprios livros, na sua biblioteca, e, finalmente, com muitas mensagens de amor, fora-lhe dito: «Dize-lhe que compreenderá a referência.»

«Procurei o teste,» continuava a carta. «Escusado será dizer que a referência não tem aplicação a mim mesmo. Espero que signifique algo para si. Posso pedir-lhe que me escreva e diga se encontra alguma aplicação nela?»

Mr. Drayton Thomas tinha procurado entre os seus livros seguindo as indicações dadas, e na página indicada, no volume especificado, encontrou um tratado sobre o Eclesiástico, mencionando o capítulo quarenta e quatro.

CAPÍTULO X

Para além da aplicação central, o Teste com Livro anterior tem outros aspetos interessantes. O capítulo de onde o texto foi retirado (Capítulo xliv.) era bem conhecido de Bim desde os versos iniciais:

«Louvemos agora os homens famosos
E os nossos Pais que nos geraram,»

até ao fim. Lembro-me de uma conversa com ele sobre isso, em que ele disse: «Coloco isto no topo da prosa inglesa.» Ele tinha, além disso, a sua própria aplicação humorística do versículo 6, e dizia que pertencia particularmente ao seu Pai. Recordo uma ocasião em que a família estava prestes a sair para a Igreja num domingo. Pediram a Bim que fosse ver se o seu Pai estava pronto, e ele voltou dizendo: «Ele não tem intenção de ir à Igreja hoje. Está sentado na sua biblioteca, mobilado com habilidade, vivendo pacificamente na sua habitação.»

Durante esta primavera de 1918, quando não estávamos a ter sessões com Mrs. Leonard, lembro-me de ter dito: «Ele nos dará uma mensagem de alguma forma.» E à medida que o seu aniversário se aproximava, falávamos frequentemente dele, e sentia-me confiante de que ele nos daria algum sinal da sua presença; por isso, quando tive o sonho de que escrevi, senti que era suficiente e fiquei contente. Mas agora ouçam isto:

Mr. Drayton Thomas diz-nos que foi duas vezes solicitado nas suas sessões com Mrs. Leonard para nos escrever, e que só o facto de ser um estranho o tinha impedido de o fazer. Ele enviou a carta quando o pedido foi repetido com insistência. Recebemo-la no dia seguinte ao aniversário de Bim—2 de julho.

Ora, para além da mensagem, será fantasioso ver uma alusão no versículo inicial a um dia de nascimento?

CAPÍTULO XI

Teste com Livro XX

Volto agora às cartas de Mr. Drayton Thomas, caso o meu leitor as deseje em corroboração dos factos.

Ele escreveu o seguinte:

South Hill Lodge,
Bromley, Kent.

Cara Lady Glenconner,

Como está familiarizada com Mrs. Leonard e a natureza das suas sessões, posso dispensar explicações que de outra forma seriam necessárias. Feda expressou o desejo de que eu verificasse, remetendo-me a si, as indicações dadas pelo Teste com Livro.

Caso não possua
o volume, terei prazer em deixar uma cópia em sua casa. É o Vol. II. da Encyclopedia Biblica, editada pelos Profs. Cheyne e Black, publicada por Black & Adam em 1901. A página indicada por Feda para o teste parece ser a 1177, e trata do Eclesiástico.

Das quatro referências adicionais
a este livro, três foram precisas. Ficaria
muito interessado se puder arranjar tempo para me dar a sua opinião. Feda dá o número 21, e encontrará a matéria do livro dada sob parágrafos numerados.

Muito sinceramente seu,
C. Drayton Thomas.

Respondi; e Mr. Drayton Thomas escreveu o seguinte:

«... Estou profundamente interessado na sua carta na sequência da minha pergunta, e aqui está o volume em questão. Feda diz: ‘Todo o livro tem algo a ver com eles, está ligado a eles de alguma forma,’ por isso vou deixar o volume em sua casa hoje, após a Palestra, para que possa inspecionar as passagens à vontade.

«Muito sinceramente seu,
«C. Drayton Thomas.»

Ele deixou o volume, como prometeu, na mesa do hall em 34 Queen Anne's Gate, na noite de 4 de julho. A Palestra que tinha ocorrido nessa data específica era um trabalho sobre «Simbolismo» que eu tinha estado a preparar algumas semanas antes. Isto eu tinha lido em voz alta a uma audiência na galeria de pinturas do 34, e quando o último dos presentes tinha saído da casa, desci à biblioteca.

Ao passar pelo hall, vi o livro de que Mr. Drayton Thomas tinha escrito. Ansiosamente, levei-o comigo para folhear as passagens eu mesma, para ver se alguma alusão adicional se tornava aparente. Não tinha nenhum número de página para me guiar, pois as palavras de Feda tinham sido mais vagas do que o habitual neste aspeto, por isso abri o volume ao acaso, olhando para as primeiras páginas do livro, e aí encontrei uma lista de palavras em que não menos de oito dos símbolos estavam enumerados, que figuram no trabalho que eu acabara de ler a uma audiência na Galeria: Águia, Páscoa, Este, Oeste, Norte, Sul, Morte e Interpretação.

Sentimos que neste teste Bim não poderia ter dado evidências mais convincentes de estar ciente das nossas atividades e ocupações. Estes Testes com Livros particulares foram dados a Mr. Drayton Thomas em 30 de maio, sincronizando exatamente com a altura em que eu estava a ler um livro sobre Simbolismo e a fazer trabalho de pesquisa nesta linha de pensamento; um facto de que ele e Mrs. Leonard estavam ignorantes.

CAPÍTULO XII

Teste com Livro XXI

Este é um extrato da carta de Mr. Drayton Thomas, escrita em 24 de agosto de 1918, e recebida por mim em Glen, em Peeblesshire, Escócia.

Bromley, Kent.

«Fiquei agradavelmente surpreendido ao receber a mensagem anexa para si na minha sessão de ontem. Escusado será dizer que não sei nada dos factos aqui declarados, e ficarei contente em saber se se revela inteligível para si.

«Atentamente,
«C. Drayton Thomas.»

(De uma sessão do Rev. C. Drayton Thomas realizada com Mrs. Leonard em 23 de agosto, em Datchet.)

Feda. «Bim ficou contente com a mensagem que fez passar em julho—era perto de um aniversário, e o teste referia-se também a estudos em que eles tinham estado recentemente empenhados. Ajudou muito o seu Pai, e ele está muito contente com isso. Agora aqui está outra para eles,

desta vez na Escócia. O quarto fica no que se pode apenas chamar de rés-do-chão, e fica à direita, e não é bem quadrado.»

(Isto é interessante, pois não há salas de estar em Glen estritamente no rés-do-chão, todos os quartos ficam num piso nove degraus acima do hall de entrada, os quartos dos criados ficando dez degraus abaixo, no lado norte, para uma cave.)

Feda continua:

«Ao entrar no quarto, os livros estão na parede à direita, a uma altura de cerca de um metro a um metro e cinco centímetros do chão.

«Dize-lhes para pegarem no quarto volume a partir da esquerda e abrirem na página 74. Há uma passagem aí que Bim escolhe para enviar como mensagem dele.»

Seguindo estas indicações, entrando no quarto pela sala de estar, 1

(pois há duas portas) o volume selecionado revelou ser Walton's Lives, e a página 74 continha a seguinte passagem, referindo-se à vida do Doutor Donne:

1 Este quarto foi consideravelmente alterado desde então. Quando o Teste com Livro foi dado, havia apenas um armário envidraçado com livros, à direita ao entrar pela sala de estar, que, contendo livros valiosos, estava sempre fechado à chave. Estes eram os únicos volumes na sala, exceto uma pequena estante no chão que continha alguns velhos livros de lições em desuso. Há agora outros dois grandes armários envidraçados embutidos na parede, pelo que as indicações dadas no Teste com Livro já não se aplicam.

«A próxima coisa é que ele costumava ir uma vez por ano, senão mais vezes, à amada Octon (a sua casa), onde dizia que encontrava tanto a cura para todos os cuidados, pela companhia que ele chamava de 'o mobiliário vivo do lugar', como um restaurador pela naturalidade do que ele chamava o seu ar natal. ... No verão antes da sua morte, trocou por uma viagem ao Winchester College, para a qual escola tinha sido enviado, 1 e 'Encontro agora,' escreveu, 'que ao estar agora nesse mesmo lugar onde estive sentado quando era rapaz, fui (sou?) levado a lembrar-me daqueles mesmos pensamentos da minha juventude que me possuíam...'»

A passagem continua:

«Quando a sua melhor parte, aquela parte que não pode morrer, se despiu da mortalidade, com tanto contentamento e alegria quanto a fragilidade humana é capaz, o círculo da sua vida foi completado; ele, morrendo de uma maneira digna do seu nome e família, digna da confiança que lhe foi confiada, para serviço do seu Príncipe e da sua Pátria.»

1 Edward Wyndham Tennant andou na escola em Winchester.

É aqui que devo chamar a atenção para uma luz clara que só seria observável pela família de Bim. Está na frase, «o mobiliário vivo do lugar». Este era um dos termos de Bim, «mobiliário»; e ele usava-o para as pessoas; era uma das suas palavras.

Uma olhada no papel com as instruções enviadas por Mr. Drayton Thomas mostrou-nos que um ponto de contacto adicional ainda estava para ser encontrado:

«Bim diz, agora no início deste livro, na primeira página, há uma mensagem para a sua Mãe.»

Todo este tempo eu tinha estado empenhada na preparação das Memórias do meu filho (que foram publicadas entretanto na Bodley Head); e penso que era a isto que ele se referia, e à constante comunicação que mantive com ele desde que morreu. Pelo menos para nós, a aplicação pareceu imediata quando olhámos para a primeira página e lemos:

«Era um trabalho digno de ser empreendido, pois entre os dois havia um conhecimento tão mútuo e uma tal amizade, contraída na sua juventude, que nada senão a Morte poderia forçar uma separação; e embora os seus corpos estivessem divididos, as suas afeições não estavam, pois o Amor seguiu a fama dos amigos para além da Morte, e da sepultura esquecida.»

«Ouvi os Divinos dizerem,» continua a passagem, «que aquelas virtudes que eram apenas faíscas na Terra, se tornaram grandes e gloriosas chamas no Céu.»

CAPÍTULO XIII

Teste com Livro XXII

Enquanto estávamos em Glen nesse outono, Bim enviou uma mensagem para os seus irmãos, novamente através da gentil mediação de Mr. Drayton Thomas.

«Primeiro,» disse Feda, «ele quer assegurar-lhes que se interessa por tudo o que fazem, que sabe tudo sobre os seus movimentos, que pode estar com eles em tudo o que estão a fazer. Quer que procurem esta mensagem na mesma sala, na mesma prateleira onde a outra mensagem foi encontrada, apenas na extremidade direita da prateleira. O último livro da fila, página 8.»

Procurámos conforme indicado, e o último livro da fila, o que toca na parede, era Ardours and Endurances, de Nichols. 1 Na página 8 há um poema intitulado «Farewell to Place of Comfort», no qual, escolhendo aqueles que pareciam aplicáveis, ocorrem os seguintes versos:

1 Chatto and Windus, MCMXVII, Londres.

«Não dirão que parti com o coração pesado;
Amo-os a todos, mas agora devo partir
Como quem vai tentar um Mistério. . . .

«E agora as lágrimas não são minhas; tenho libertação
De toda a dor anterior e posterior;
Como o meio do mar, embalo-me em paz sem limites
Acalentado pela caridade da chuva do mar profundo. ...»

e depois seguem-se algumas linhas que retratam vividamente a paisagem imediata de «a sua casa, a amada Octon», Glen, em Peeblesshire:

«Oh pinheiros bronzeados, tardes de ouro e azul,
Suave declive melado, lagos crepusculares com suas bordas abaixo,
Árvores silenciosas, vale tranquilo a dissolver-se no orvalho...»

«Fomos felizes. ...
Feliz agora, vou-me.»

CAPÍTULO XIV

No final da sessão de onde foram derivadas estas belas mensagens, Mr. Drayton Thomas perguntou se Bim estava presente, dando-as ele próprio?

Feda respondeu: «Ele não está aqui agora; esteve aqui enquanto eu lhe dava as suas indicações, e enviou os seus melhores agradecimentos por ter aceitado as suas mensagens. Ele está particularmente contente, porque estes Testes com Livros ajudaram especialmente o seu Pai.»

Neste ponto, darei o endosso da testemunha, que retive desde o final do capítulo anterior.

«Atesto a verdade da narração anterior; estive presente na procura dos livros. O seu lugar na prateleira, e os números nas páginas em que as mensagens foram encontradas, estão de acordo com as indicações dadas.»

(Assinado) Glenconner.

CAPÍTULO XV

Durante os meses de inverno do ano de 1918, eu estava

«Ainda a alimentar a esperança invencível,
Ainda a agarrar a sombra inviolável,»

investigando ao longo de outras linhas de atividade espiritualista, e obtendo testemunhos tão notáveis nestas direções como os que recebi nos Testes com Livros anteriores. Isto, no entanto, encheria um volume por si só, e não o vou incluir aqui, por mais tentada que esteja a fazê-lo pelo interesse de mostrar como, também nesta direção, as entrevistas-em-sonho se cumpriram.

Um dia, a natureza completa do sono será reconhecida, e descobrir-se-á que não é apenas uma provisão da natureza destinada a descansar o corpo, mas principalmente uma via de escape para a alma. Todos os mortais bebem desta fonte límpida e são revigorados por ela, mas apenas alguns se lembram ao acordar. E qual é a natureza do gole? Uma compreensão da razão do sofrimento, a compreensão da Lei Divina, e o reencontro com aqueles a quem chamamos os Mortos. Consolação.

Esta é a razão pela qual não há separação para os ressuscitados. Aqueles que morreram não estão separados de nós como nós estamos deles. Não há luto no Paraíso, e isto porque o sono é uma condição psíquica, e eles podem alcançar-nos então; mas não nos treinámos para trazer de volta a memória.

Há muitos exemplos, entre os poetas e os santos, de inspiração obtida durante as horas silenciosas do sono.

Um dos hinos mais belos escritos por Cowper foi obtido desta forma. Ele escreve numa das suas cartas incomparáveis:

«Comecei a compor versos ontem de manhã antes do amanhecer, mas adormeci no final dos dois primeiros versos. Quando acordei novamente, o terceiro e o quarto foram sussurrados ao meu coração de uma maneira que tenho frequentemente experimentado.»

E Vaughan escreve:

«E como os anjos em alguns sonhos mais brilhantes
Falam à alma do homem enquanto ele dorme,
Assim alguns pensamentos estranhos transcendem os nossos temas habituais
E espreitam para a glória.»

Se este pensamento for seguido, ver-se-á que, com o sabor particular da personalidade, o caráter do intercâmbio espiritual estará de acordo. Cowper, uma alma gentil e sofredora, tão irrepreensível como uma flor e aspirando continuamente ao sublime, receberá nestas horas o benefício que advém da expressão de uma contrição pungente, com toda a sua alegria renovadora e sustentadora.

Vaughan «comunga com os anjos», recebendo aqueles pensamentos estranhos que tanto «transcendem os seus temas habituais» que o levam a exclamar:

«Ó Pai da Vida Eterna e de todas
As glórias criadas sob Ti,
Retoma o Teu Espírito deste mundo de servidão
Para a verdadeira liberdade.»

E Coleridge construiu cúpulas de prazer majestosas e ouviu dulcimeres, e bebeu o leite do Paraíso.

Assim, cada um vai para o seu próprio lugar no sono, como na morte, pois um é apenas a semelhança do outro, fornecendo identicamente, libertação.

Sono e Morte, os Irmãos Gémeos, levaram a forma do divino Sarpédon.

«Gostaria,» disse o meu Tio Toby, «gostaria de estar a dormir.» Foi o seu único e suficiente comentário ao ouvir a história dilacerante de Lefevre. A exclamação de alguém que procura escapar à dor. Uma saída.

E esta porta abre-se todas as noites, para os cansados e os tristes. Talvez as palavras na Bíblia devessem ser lidas:

«Deus dá aos Seus amados no sono.»

«Os Seus amados» sendo a alma do homem. 1

Após a primeira semana em que soube da minha perda em 1916, vi Bim três vezes, uma vez com os meus olhos despertos—com a lama do campo de batalha ainda no seu uniforme—mas disso não escreverei—e depois disso uma série de sonhos levou-me até ele. Era como se estivesse ausente com ele, e invariavelmente feliz. Estes sonhos deixavam uma impressão duradoura ao acordar, mais do que uma recordação de palavras. Caminhava com ele, segurava-lhe o braço, ele inclinava-se para mim falando animadamente à sua maneira; ou estaríamos sentados juntos numa atmosfera de infinito contentamento e lazer.

1 «Levanta-te, meu amor, minha bela, e vem comigo.» Não é o Salvador a falar a uma Igreja (terá Ele outro templo senão o coração humano?), nem é claramente uma canção de amor oriental. É a voz de Cristo a falar à alma do Homem.

Tão grande era a sensação de consolo após um destes sonhos, que o facto de ele ter morrido parecia, ao acordar, quase negligenciável; durante horas depois, eu estava envolvida numa sensação sustentadora de alegria.

Mas estes sonhos são novamente diferentes em natureza dos sonhos-história. Algum dia terei de os recolher todos.

Pouco antes do Natal do ano de 1917, Bim disse-me através de Feda que iria ter alguma ajuda de uma maneira que ela não podia explicar. «Algum acontecimento agradável.» Acrescentou: «seria em Glen.»

Na noite de 27 de dezembro, tive um sonho esclarecedor e interessante, e no meu regresso a Londres em janeiro, Bim fez-lhe, através de Feda, uma alusão reconhecível.

CAPÍTULO XVI

Teste com Livro XXIII

Depois de alguns meses de inverno em Londres, estávamos novamente em Wilsford em maio de 1919; mas antes de deixar Londres, tive uma sessão com Mrs. Leonard, num ponto da qual Bim falou particularmente das Memórias da sua vida em que eu estava então empenhada, mostrando um conhecimento claro da fase que eu tinha atingido no meu trabalho. Um ponto pareceu-me especialmente característico. Citarei das minhas notas tomadas na altura da sessão, 28 de fevereiro.

Feda disse: «Há algo que ele gostaria de dizer sobre outro homem; ele está um pouco perplexo com isso. De alguma forma, dá-me a impressão de dois homens. Não sei o que eles têm a ver com isso—mas é como se cada um pudesse ter a ver com isso, e se você o tivesse dado àquele que ele não conhecia? Porque havia um homem que ele conhecia, diz ele, de alguma forma, e ele pensou que você o teria dado a ele. Alguém que era tão amigável; pelo menos Bim diz que se sentia amigável em relação a ele, embora—coisa engraçada—nunca o tivesse visto, diz ele. Ainda assim, continua a dizer que pensava que você lhe teria dado o livro.»

Agora, para compreender isto, devo explicar que Mr. Blackwell, de Oxford, tinha publicado o livro de versos de Bim, Worple Flit, e uma série de cartas tinha passado entre os dois sobre este pequeno volume; cartas de natureza invulgar para tal relação. Como tudo o que Bim empreendia, são

vívidas, cordiais, pessoais e completamente afastadas da poeirenta linha dos negócios, primeiro por causa do coração caloroso de Bim, e segundo por causa do intenso prazer e gozo que ele obtinha da preparação deste pequeno livro. (Ele reviu as provas na véspera da Batalha do Somme, e uma das suas cartas fala de ter lido alguns dos seus poemas aos seus amigos entre os oficiais do Batalhão, e do prazer que recebeu por causa da sua aprovação.) Escreveu sobre o interesse que Mr. Blackwell estava a demonstrar nos seus poemas, e constantemente, como as cartas que tenho comigo mostram, ele pedia a sua opinião em assuntos relacionados com a produção do livro.

Ora, sabendo tudo isto, parece-me inteiramente adequado e característico que Bim se surpreendesse por o manuscrito das Memórias ter sido dado a Mr. John Lane para publicação.

Este é um exemplo muito bom do proveito e conveniência que se deriva da comunicação espiritual, para além da fonte curativa de consolação que pode ser. Pequenas coisas podem ser corrigidas, pequenas perplexidades removidas, e o dar e receber trivial, e a ondulação e fluxo na corrente familiar da vida doméstica, podem ser mantidos e continuados.

Eu disse a Feda em resposta: «Compreendo; diz-lhe que teria oferecido o livro ao seu amigo—Mr. Blackwell—mas vendo o poema Green Gardens in Laventie no The Times, Mr. John Lane tinha-me escrito, perguntando, no caso de eu escrever alguma biografia, se lha daria; e sentindo que este pedido era uma homenagem a Bim, concordei.»

Feda. «Está bem. Ele está satisfeito; sabia que havia alguma boa razão, diz ele, só queria saber tudo sobre isso; agora vai dar-lhe um Teste com Livro, diz ele, depois de ter falado consigo sobre isso. Gosta da capa, está satisfeito com isso e com a encadernação. O título estava errado no início, estava fora do sítio, e tudo esmagado; diz que não devo dizer isso, mas as letras eram demasiado grandes, mal arranjadas.»

(Isto era verdade. Quando a amostra da capa nos foi submetida, as letras do nome estavam esmagadas, devido a demasiado ter sido colocado numa linha. O seu irmão Christopher reescreveu as palavras do título para mim, colocando o nome numa linha, e o nome do regimento na linha abaixo, libertando assim o estilo e aliviando a aparência apertada.)

Feda continuou: «Ele está tão contente com a dedicatória! As últimas palavras disto são o que ele gosta. Gosta muito disso, diz ele, mas porque é que o mudou no final? Isso deixou-o tão feliz.»

As palavras da dedicatória são as seguintes:

«Encorajada pelo pensamento do espírito de Boa Camaradagem de Bim, e recordando que o seu primeiro pensamento é sempre o de partilhar o que é seu, dedico este livro a todas as Mães que sofreram a mesma perda. Elas perdoarão a sua imperfeição, e tudo o que eu achei bom para contar do meu filho aqui, sentirão ser verdadeiro dos seus. Que a Luz do Consolo brilhe sobre elas.»

Agora repare neste ponto. Quando escrevi a dedicatória pela primeira vez, a última frase era «Que a Luz do Consolo brilhe sobre elas, como tem brilhado sobre mim.»

Posteriormente, risquei as palavras «como tem brilhado sobre mim», com o fundamento de ser sempre fraco e geralmente irrelevante mencionar-se a si próprio em conversa ou por escrito. Pela Luz do Consolo, queria dizer Espiritualismo, e o meu desejo era que outros fossem consolados tanto quanto eu o tinha sido, mas, no entanto, risquei as últimas cinco palavras.

Agora aqui tem Bim a dizer:

«Porque é que o mudou no final? Isso deixou-o tão feliz.»

Sim—porque nessas cinco palavras Bim lia uma confissão aberta de que tínhamos sido consolados, e quão grandemente através do seu próprio amor infalível, ele sabe.

Citarei novamente o meu registo:

«Algo na página 5 agrada-lhe particularmente, diz ele. Uma gargalhada entre você e ele. Bem, pode tomá-lo como um todo, mas há um pedaço especial na página 5, diz ele, para você olhar e recordar.»

Eu disse neste ponto: «Mas as provas estão na editora agora, e o que figurava como página 5 quando as tive para corrigir pela última vez já não será assim marcado, devido às interpolações que alteram a paginação.»

«É por isso que ele lhe dá particularmente este Teste com Livro, porque não o pode verificar até receber as provas novamente. Quando voltarem, veja a página 5.»

As notas de uma sessão são sempre lidas em voz alta à família no meu regresso, e os dias de espera passaram bastante devagar para todos, tão ansiosos estávamos por ver a referência.

Quando as provas voltaram, encontrei nessa página uma descrição de uma festa noturna que Bim tinha dado. (Eu própria o tinha ouvido, nessa ocasião, ao telefone no Cavendish Hotel, Jermyn Street, não só a convidar, mas a implorar a convidados ausentes que viessem.

«Vá lá! Todos os que eu gosto estão aqui! Tens de vir!»

«Não importa—levanta-te e veste-te outra vez, e vem—vai!»

«Esplêndido... está bem...»

Ele levantou-se do telefone e disse-me: «Ela disse que já se tinha deitado, mas vai levantar-se outra vez.»

Rimo-nos juntos.

Eu disse: «Que tributo ao teu sucesso como anfitrião! deixar a cama para ir a um Baile...» e o seu rosto feliz respondeu-me, enquanto ele seguia novamente o seu caminho entre a multidão.) 1

Quando as provas voltaram, olhei para a página 5 e li o seguinte:

«Estas reuniões sociais eram organizadas com uma precipitação característica, por vezes devido à exigência do tempo, os convites sendo feitos por telefone, enquanto os convidados já convidados entravam em fluxo pela porta. ... Há casos conhecidos de pessoas que se levantaram das camas para onde já se tinham recolhido, se vestiram de novo e se apressaram com prazer, embora atrasadas, para a cena festiva.»

1 Edward Wyndham Tennant, 4th Gren. Guards. Por Pamela Glenconner. Publicado por John Lane.

«E,» acrescenta um destes, «ele era o melhor e mais querido dos companheiros!»

Podemos testemunhar a verificação do Teste com Livro como descrito acima.

(Assinado) D. F. T.,
Glenconner.

CAPÍTULO XVII

Teste com Livro XXIV

Na primavera do ano de 1919, estávamos mais uma vez estabelecidos em Wilsford, e em 31 de maio recebi o seguinte do Rev. Drayton Thomas:

South Hill Lodge,
Bromley, Kent.

31 de maio.

Cara Lady Glenconner,

Tenho novamente o prazer de lhe enviar uma mensagem recebida ontem.

Creio que estes Testes com Livros irão longe para desacreditar a hipótese da telepatia como uma explicação suficiente da mediunidade em transe.

Espero que este se prove exato em muitos pontos, senão em todos.

Se for bem-sucedido, e de natureza não demasiado privada, ficaria muito contente em ter o seu relato das descobertas.

Muito sinceramente seu,
C. Drayton Thomas.

Este foi um Teste com Livro com seis pontos de contacto, quatro dos quais rastreámos.

Citarei as indicações.

(1) «Este teste é da mesma sala em Wilsford que antes; olhe para a direita ao entrar pela porta. Terceira prateleira acima, pegue no quarto livro da esquerda, página 33, e leia um pouco mais de meio caminho acima da página, e encontrará 'Como os pensamentos da minha Mãe aparecem agora, para mim'.»

Seguindo estas indicações, encontrámos o livro, e a passagem que parecia aplicável dizia o seguinte:

«Nem Thayer nem qualquer outro escritor atribui importância suficiente à reflexão. ... Por esta razão, trato da reflexão com considerável extensão.»

Ora, parece-me haver dois tipos de Testes com Livros; por vezes, a característica é uma atmosfera de alusão, uma tendência geral de significado, na substância de uma determinada página ou em todo o livro, em vez de qualquer ponto ou ditado reconhecido. O acima parece-me um Teste com Livro desta natureza, visto que todo o capítulo trata da descrição da vida vivida num elemento, e de como aparece aos habitantes de outro; mostra como as condições do seu ambiente podem tornar a vida, por exemplo na água, praticamente invisível. 1 Nesse caso, a intenção geral da mensagem parece suficientemente evidente.

(2) «Dentro de um palmo deste livro está um cujo título expressa algo ligado a David, e com o que Bim o estava a ajudar, há pouco tempo...»

O livro que foi prontamente encontrado em conexão com estas indicações estava a um palmo do livro primeiro nomeado; intitula-se Caravanning and Camping Out: Experiences in the Open Air, de Herbert Stone, publicado por Herbert Jennings. David é um devoto do caravanismo, e a sua cama fica no jardim durante todo o verão.

As indicações continuam:

(3) «Ao ficar de frente para estes livros, notará uma pequena figura branca.»

Assim é. No painel de carvalho à direita destes livros está pendurada uma fotografia de uma criança de quatro anos, vestida de branco.

1 Marvels of Fish Life, de Francis Ward. Publicado por Cassell & Co. 1912.

As indicações continuam:

(4) «Bim diz, na secretária desta sala, em cima dela, está algo ligado a ele.»

Na secretária desta sala está uma grande fotografia emoldurada tirada dele em 1915, mas colocada lá dezoito meses depois.

A fotografia da criança de branco foi pendurada aqui alguns meses antes deste Teste com Livro ser dado, e mais de dezoito meses após a visita de Mrs. Leonard.

Durante esta primavera, recebemos outros Testes com Livros através de Mr. Drayton Thomas, 1 mas encerrarei a série agora, não porque diminuam em excelência, mas porque estou ansiosa por evitar os longos e detalhados relatórios que caracterizam a maioria dos livros de interesse psicológico.

1 De Shelley, Browning e Burns.

Acredito que a luz da comunicação espiritual arde tão fracamente em grande parte devido à massa de detritos que os seus devotos amontoam sobre a sua chama esguia. Ela chega

até nós já demasiado obstruída pelas superfluidades e analfabetismos do controlo, e é ainda mais confundida pela identidade apenas parcialmente varrida do médium. Quão pouco, então, precisamos do toque final e geralmente destrutivo do seu expositor, que, com demasiada frequência, da sua chama vital deixa apenas

«Um punhado de cinzas cinzentas, há muito, muito tempo em repouso.»

Por isso, evitarei sobrecarregar este livro com uma massa de material, dando apenas mais duas mensagens que recebemos nesse verão, através do mesmo canal e da mesma fonte, embora cronologicamente devessem ter tido lugar anterior.

CAPÍTULO XVIII

Teste com Livro XXV

South Hill Lodge,
Bromley, Kent.

6 de maio de 1919.

Cara Lady Glenconner,

O anexo fala por si. Ficarei muito interessado em saber quantos dos seis itens são bem-sucedidos.

Muito sinceramente seu,
C. Drayton Thomas.

Das notas de uma sessão com Mrs. Leonard, em 2 de maio de 1919.

Feda. (1) «Ora, o teste de Bim está no escritório em Wilsford. É à direita ao entrar. A prateleira está a cerca de noventa centímetros de altura, e o livro é o terceiro a partir da esquerda. Veja na página 29. Tem um resumo de acontecimentos em que Bim estava interessado.

(2) «Dentro de um palmo do acima está um livro cujo título sugere 'desmoronar-se'.

(3) «Uma fotografia nova está perto destes livros. Não estava lá anteriormente.

(4) «Um móvel importante na sala foi recentemente movido para o lado oposto.

(5) «A vista da janela é diferente do que costumava ser. A vista é diferente. Feda está perplexa sobre como uma vista pode ser diferente, mas ele diz: 'Algo mudou, e faz com que a vista pareça diferente, mas diz que só as pessoas que vivem na casa saberão disso.'»

Um ponto de contacto neste teste não pudemos verificar. Tomarei os itens agora separadamente, começando pelo último.

(5) «A vista da janela mudou de alguma forma; é diferente do que costumava ser.»

Isto é verdade. Uma grande amoreira que está no relvado perdeu três dos seus ramos recentemente. O primeiro caiu no verão de 1918, e outro caiu no verão seguinte. Uma grande porção de madeira morta foi então cortada da árvore, para aliviar a sua constituição e preservar o que ainda estava vivo. Isto não impediu, no entanto, que mais um ramo caísse, com o

resultado de que, quando este Teste com Livro foi dado, uma grande abertura na árvore tinha sido efetuada, revelando os prados alagadiços à direita para além do rio, e causando uma mudança acentuada na vista. A excelência deste ponto no teste é evidente, se notar a atenção chamada para o facto de que apenas «as pessoas na casa saberão disso»; e assim é, pois a amoreira ainda está de pé; apenas aqueles que se recordam dela como era anteriormente verão a diferença.

(4) «Um móvel importante na sala foi movido para o lado oposto.»

Na semana anterior a este Teste com Livro ser recebido, o piano de cauda tinha sido deslocado para o sentido contrário àquele em que estivera durante anos, o teclado virado para a direção oposta; mas há aqui uma discrepância, pois Feda disse «Um móvel importante na sala foi movido», implicando na mesma sala em que o Teste com Livro devia ser procurado. O piano, no entanto, estava noutra sala.

(3) «Uma fotografia nova está perto destes livros; não estava lá anteriormente.»

Isto está correto.

(2) «Dentro de um palmo está um livro cujo título sugere ‘desmoronar-se’!»

Isto revelou ser uma alusão à Queda do Homem, na grande cópia de Paradise Lost; na página oposta a 201 está a ilustração de Blake da «Queda de Lúcifer»: ele é mostrado, com todos os seus anjos, a cair de cabeça.

(1) «Terceiro livro contando da esquerda no escritório de Wilsford, página 29. Um resumo de acontecimentos em que Bim estava interessado!»

O livro revelou ser o Volume III. das Poetical Works de Shelley, editado por Shepherd, e publicado por Chatto, Windus & Co. em 1888; uma edição em papel grande limitada a cem exemplares. Na página 29 lemos The Triumph of Life.

Nessa página, e até à conclusão do poema, encontrei os versos que se seguem.

Devo deixar claro que nesta passagem, de acordo com o nosso costume, apenas os versos aplicáveis são tomados. Aqueles descartados são representados por linhas pontilhadas, o que, por um lado, respeita a métrica

do poema e, ao mesmo tempo, mostra abertamente que tomamos apenas os versos que parecem ser os pretendidos. Isto parece-nos legítimo, mas neste caso particular algo para além da mutilação e seleção ocorreu. Não é notável, seguindo este plano de eliminação, que uma passagem tão bela e tão completa como a que aqui se apresenta surja como resultado do Teste?

Certamente não é como Shelley a escreveu; mas não parece ter adquirido uma intenção própria?

Teste com Livro XXVI

De THE TRIUMPH OF LIFE

«; assim sobre a minha vista
Irrompeu uma nova visão, nunca antes vista;
E a forma bela definhou na luz que vinha.

Como véu por véu o esplendor silencioso cai
De Lúcifer, entre a crisólita
Do Nascer do Sol, antes que tinga os topos das montanhas.

E como a presença daquele mais belo planeta,
Embora invisível, é sentida por quem espera
Que o seu caminho do dia termine como o começou
No sorriso daquela estrela, cuja luz é como o perfume
De uma junquilha quando as brisas da tarde a acariciam,

Assim soube eu, no severo excesso daquela Luz,
A presença daquela forma que sobre a corrente
Se movia, enquanto eu me movia ao longo do ermo
Mais vagamente do que um sonho que aparece de dia;

Uma luz do céu,
A nova Visão,
e o carro frio e brilhante
Com solene velocidade e música atordoante cruzou
A floresta, ... de alguma guerra terrível
Triunfantemente regressando

Eis uma maravilha digna da rima
Daquele que dos mais profundos abismos do inferno,

Através de cada Paraíso, e através de toda a glória
O Amor guiou sereno, e que regressou para contar
A história maravilhosa,
Como todas as coisas são transfiguradas exceto o Amor!»

CAPÍTULO XIX

Teste com Livro XXVII

Tivemos tantas mensagens enviadas desta forma através de Testes com Livros, que até fui descuidada em mantê-las com as suas indicações juntas, pelo que algumas estão neste momento indisponíveis; mas há uma delas que gostaria de incluir aqui, em reconhecimento do prazer que trouxe consigo, embora não possa dar os pormenores, pois não tenho as notas comigo.

Trouxe prova de quão de perto aqueles que nos amam do Outro Lado nos conseguem seguir, e quão seguramente estão cientes dos nossos pensamentos e atividades. Para tornar claro este significado, devo dizer que o livro em que eu tinha estado a trabalhar estava finalmente perto da conclusão. Tinha corrigido as provas finais e devolvido ao impressor, dizendo a mim mesma: «Finalmente—isso está feito.» Com os pensamentos e o coração mais leves, estava em paz.

Nessa semana, recebi um Teste com Livro através de Mr.

Drayton Thomas, e a passagem nos poemas de Shelley para a qual as indicações me levaram diz o seguinte:

«O trabalho que te roubou tantas horas
Acabou, e o fruto está aos teus pés;
Não mais, onde os bosques para formar um caramanchão
Com ramos entrelaçados se misturam e encontram,
Ou onde, com som como de muitas vozes doces,
Cascatas saltam entre verdes ilhas selvagens,
Que para o meu barco solitário formavam um retiro solitário
De árvores musgosas e ervas daninhas, serei visto—
Mas ao teu lado, onde ainda o meu coração sempre esteve.»

Esta última mensagem, e outra para a qual não tenho espaço agora, combinaram tão perfeitamente com os nossos pensamentos quando as

recebemos, que não temos a menor dúvida de que foi intenção de Bim nos indicar conclusivamente que ele habita entre nós, e que os nossos sentimentos e pensamentos lhe são conhecidos.

Quando tal comunicação pode ser estabelecida, a Sepultura é roubada da Vitória, e o coração ouve com renovada compreensão as palavras:

«Não vos deixarei órfãos.»

CAPÍTULO XX

«Quem vai lá?»
«Amigo.»
«Dá a Senha.»
«Serviço.»
«Passa, Amigo, está tudo bem.»

Maravilho-me que a Igreja veja as atividades do Espiritualismo como antagonistas ao seu ensino. No seu ataque central ao pensamento materialista, deveria ser reconhecida como uma valiosa aliada. Pois o Espiritualismo identifica o material com o universo espiritual. Aqui e agora, diz ele, somos seres espirituais; aqui e agora, no mundo material, o mundo espiritual se revela diante de nós, e dentro de nós mesmos estão escondidos poderes tais como se acredita pertencerem apenas a anjos e semideuses.

Este mundo, tal como o percebemos com visão limitada, não está completo, nem está separado do resto do universo. Em todas as épocas, e em todas as religiões, houve alguns que souberam isto, e que habitaram em comunhão consciente com outros estados de ser. Igualmente verdade é que estes tiveram constantemente de enfrentar ou fugir da hostilidade dos ignorantes.

Aqueles de nós que têm a nova revelação no coração sentem-se gratos por, na Conferência de Lambeth, realizada recentemente, o assunto do Espiritualismo ter recebido destaque, e é bom que assim tenha sido. A Igreja não pode dar-se ao luxo de ignorar ou negar o Espiritualismo dos nossos dias, porque é uma coisa viva e trouxe a Palavra viva a muitos.

Não estou a aludir agora aos fenómenos físicos, embora significativos, mas refiro-me ao ensino por trás do culto do Espiritualismo. E qual é o seu ensino? É a renovação da Promessa Divina: «Não morrerás, mas viverás.»

«Mas não é esta a mensagem que a Igreja dá ao seu povo?», dirão. «Porque se desviar para a ouvir de outros?» Bem, consideremos este ponto. É esta a mensagem que a Igreja tem estado a transmitir? Não tem ela, no passado, insistido mais na ressurreição do corpo do que na imortalidade da alma? Nas Sagradas Escrituras, em lado nenhum nos é dito que as nossas formas físicas ressuscitarão novamente. Onde aparecem textos que ensinam este grosseiro mal-entendido da verdade, foram mal traduzidos, seja acidentalmente ou de propósito. Tomemos o exemplo conhecido do capítulo dezanove de Job. A tradução correta é: «Embora depois da minha pele este corpo seja destruído, contudo sem a minha carne verei a Deus.» No entanto, nunca o ouvimos ler assim. O velho erro é perpetuado.

Não quero dizer que a Igreja ainda acredita na ressurreição do corpo; ninguém pensa agora que a dissecação seja inimiga da Manhã da Ressurreição; (e, no entanto—pode acreditar-se?—foi essa a razão pela qual durante anos a dissecação foi ilegal, e o progresso da ciência médica seriamente retardado, enquanto, no seu interesse, prevalecia a odiosa prática do roubo de cadáveres); mas quero dizer que aumentaria infinitamente a influência da Igreja se ela reformulasse algumas das formas de culto, corrigindo afirmações erradas e reanimando a sua grande maquinaria com um novo influxo desta verdade. Não é bom para as almas das pessoas continuar a dizer o que sabem que não é verdade, e é tão desonesto como algumas das acusações feitas contra o Espiritualismo.

O cerne da dificuldade sentida por algumas mentes é que o Espiritualismo é frequentemente referido como uma religião, como se, em si mesmo, a sobrevivência fosse um facto religioso; mas o Espiritualismo não é, em sentido algum, uma religião. Não é mais divino sobreviver à Morte do que viver um período de existência terrena. O que se pode verdadeiramente dizer do Espiritualismo é que, se a sobrevivência à Morte for cientificamente estabelecida e aceite, torna a crença numa Ordem Divina muito mais fácil e, portanto, uma vida espiritual mais fácil de encontrar.

A Igreja está acorrentada pela doutrina medieval, e muitos dos seus ritos e o caráter dos hinos escolhidos estão totalmente fora de sintonia com

a tendência de pensamento do povo. E, no entanto, por vezes quase pareceria que a doutrina da Ressurreição do Corpo ainda tem hoje os seus adeptos. Teria havido o amargo clamor que ouvimos sobre os cemitérios em França e a forma das lápides se o ensino da Igreja tivesse sido mais claro sobre este ponto? Teria sido demonstrado tão grande desejo de trazer os corpos de volta de onde caíram tão honrosamente? Os enlutados ficam a olhar para a cova, e há um grande som de choro. E é aqui que o Espiritualismo pode ser mais benéfico. Ele avança com as palavras brilhantes: «Porque buscais os vivos entre os cadáveres?» Certamente esquecemos muitas vezes o significado destas palavras?

Recebi flores prensadas, tufos de erva, fotografias, até um desenho a lápis da sepultura onde jaz o corpo do meu filho. Estas ofertas são enviadas com a maior ternura, e são recebidas por mim com gratidão, mas parecem estranhamente irrelevantes. Olho para aquela porção particular de solo em França como poderia olhar para qualquer guarda-roupa numa das escolas que ele frequentou, que em tempos guardou as suas roupas. Parece quase risível ligá-lo à sepultura. No entanto, não se pode esperar corrigir isto facilmente. O pensamento de rebanho centra-se nos cemitérios. A Raça Humana sempre se agarrou à sua Mortalidade; a única coisa de que tinha certeza, vejam.

E, no entanto, movimentos tão grandes como a Ciência Cristã e a Igreja Universal, a Ordem dos Místicos Cristãos, e os seguidores do Novo Pensamento, são sinais de que muitas pessoas superaram o ensino arcaico. Vejamos o serviço batismal na ordem da Oração Comum. Está cheio da ignorância monástica da Idade Média, escuro com as ameaças de um Deus de Ira. Ou consideremos os ritos da Quaresma, o serviço da Sexta-Feira Santa tal como é geralmente observado. Quão materialista é a tendência do pensamento, quão fortemente se insiste no lado corporal da morte de Cristo, quão fortemente a Crucificação é enfatizada. Aqui está novamente o culto da sepultura. Ou será a relíquia de uma crença no Grande Sacrifício que há de aplacar o Deus de Ira para com o Homem, Sua criatura? Se assim for, o Espiritualismo pode novamente agir beneficamente se for reconhecido, pois o seu ensino é que é a Vida de Cristo que nos há de salvar, não a sua crucificação.

O caráter do serviço quaresmal é insalubre; imerso num cego humor de solene miséria. Assim como a «boniteza» é o flagelo da Arte, a

«solenidade» tem sido o flagelo da Religião. Tanto é considerado «secular» pela mente da Igreja, ao passo que a Nova Dispensação revela que não há nada secular exceto o pecado.

Não estou a ignorar o Serviço Pascal, mas aqui, novamente, a ênfase, certamente, é colocada sobre uma falsa suposição; pois a Igreja prega a Ressurreição de Cristo como um ato divino e único, enquanto nós sabemos que não é na Sua Ressurreição que testemunhamos a Divindade. É porque em Vida Ele nos mostrou o que todos podemos ser, e na Morte, o que todos estamos a fazer, que Ele reclama para sempre a nossa adoração e o nosso amor.

«O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz.»

Há, no entanto, sinais de uma mudança na atitude rígida da Igreja, e que ela mude não é apenas para seu próprio bem-estar, é importante para o bem-estar do Espiritualismo. Precisamos da sua simpatia. Os espiritualistas enganam-se se pensam que a sua vela ao vento brilhará para preservação a menos que a nobre estrutura da Igreja seja colocada como uma lanterna à sua volta; mas para a própria Igreja, uma mente aberta em relação ao crescimento deste assunto é imperativa.

Que ela supere o seu preconceito, e «experimente este Espírito, se é de Deus.» Experimentar o Espírito, no entanto, significa que os eclesiásticos devem ler os melhores livros sobre o assunto, filiando-se à Sociedade de Investigação Psíquica, e eles próprios devem realizar um círculo de investigação, e isto com uma mente imparcial, durante pelo menos três anos antes de chegar a uma decisão. Devem fazer um curso de Teosofia, e quando se tiverem esclarecido quanto à constituição psíquica do Homem, encontrar-se-ão aptos a servir e ajudar almas em ambos os lados da sepultura, pois há muitas do lado de além que necessitam de ministração.

A religião aceite ensina a Comunhão dos Santos, e nós falamos da comunicação das almas. Há alguma diferença senão no grau? Os mortais devem ser almas primeiro antes de serem santos, o fruto deve amadurecer. A colheita, antes de estar no celeiro, está na erva, e Cristo demonstrou no Seu próprio exemplo que, após a morte, é bom encontrar e falar com os nossos amigos.

Aqui alguém dirá: «Isso é completamente diferente; aquilo a que nos opomos é ao médium.»

Esta é uma observação que se ouve constantemente; representa grande requinte, refinamento, um gosto impecável. «Se tenho de morrer, morro; mas não toques no meu topete, diz o Pavão»—e tão verdadeiro é isto, que se poderia perverter o texto e dizer que com estas pessoas «o gosto perfeito expulsa o Amor», pois eles preferem infinitamente não ouvir falar nem de nem de «preciosos amigos escondidos na noite sem data da morte» a ferir os seus próprios sentimentos.

Eles gostariam de comunicação, mas não a querem desta forma; mas ao protestarem contra um médium estão ao nível de quem possa dizer: «Gosto de um piquenique, mas tem de haver um cesto?» ou «A música é um grande consolo, certamente, mas oponho-me ao instrumento.»

Infelizmente, o progresso neste assunto foi retardado por centenas de anos através do massacre em massa na Idade Média daqueles com poder psíquico chamados bruxas; 1 e no atual estágio de desenvolvimento, os serviços de um médium, para comunicação espiritual, são geralmente essenciais.

Mas aqui está um ponto em que os espiritualistas devem mostrar discernimento. Que sejam circunspetos quanto ao caráter daqueles que escolhem, e tendo encontrado um médium que respeitam, que se sintam contentes e constantes, pois o canal aprofunda-se e a corrente se fortalece, com regularidade e uso.

Uma mudança que a Igreja fez é de importância. Antes da Reforma, o dia seguinte ao Dia de Todos os Santos era observado como um dia em que recordar e rezar pelos fracassos humanos, pelos errantes, que tinham partido da terra sem despertar, o Cristo místico dentro deles ainda por nascer.

1 Os habitantes das Hébridas, e de outras partes remotas da Europa, são mais ricos em segunda-visão e clariaudiência do que as pessoas de outras regiões, porque a caça às bruxas não foi tão longe. Eles não foram molestados.

Após a Reforma, quando a heresia de mente estreita decretou que a morte física fixava para sempre a condição do indivíduo, o Dia de Todas as Almas foi obliterado do calendário. Agora, o Dia de Todas as Almas foi reposto, e embora isto tenha sido feito principalmente por um desejo por parte do clero de impedir que as suas congregações acorressem a médiuns

para estabelecer comunicação com os mortos, é, no entanto, um reconhecimento tácito pela Igreja da verdade de um dos principais ensinamentos do Espiritualismo.

O erro fundamental que é comummente cometido reside em acreditar que aqueles que amamos estão de alguma forma mudados por terem experimentado o incidente da morte. Ao despojarem-se do corpo material, a sua individualidade não é diminuída nem aumentada. Se desejam comunicar com aqueles que amam, e têm o conhecimento de que isso é possível, fá-lo-ão tão naturalmente como teriam usado o telefone ou enviado um telegrama em dias anteriores.

Por vezes ouve-se a objeção de que os meios de comunicação são tão mesquinhos; mas quando o meu filho estava em França, usou uma caneta para comunicar com a sua Mãe; não achou o instrumento demasiado trivial. Serviu. E é o mesmo agora: ele usa o que encontra ao serviço deste fim, e não há nada de sacrílego ou surpreendente no assunto.

Nas Escrituras, quantos exemplos não estão registados de Deus a falar ao Seu povo através de várias manifestações do Espírito, utilizando até tábuas de pedra? É contrário a uma conceção da Sua inalienável misericórdia que acreditemos que hoje Ele nos fala no espírito daqueles que amamos?

Mas com tudo isto dito, vejamos que nós, que desejamos que a verdade seja estabelecida, sejamos diligentes na separação do falso do verdadeiro. Escolhamos o mais admirável entre as expressões menos dignas das atividades espirituais. Há grande necessidade disto. Que seja desembaraçado da adivinhação, da fraude, das jocosidades tolas e vulgaridades com que este assunto tem estado demasiado tempo enredado.

É esta odiosa confusão que tanto tem feito para depreciar a verdade; deixou o assunto aberto à justa e forte denúncia da Igreja, por um lado, enquanto, por outro, é entregue à Imprensa, que o trata com imperdoável leviandade. Felizmente, as condições agora existentes trouxeram uma mudança nesta direção. O sofrimento generalizado e a influência da dor têm enobrecido o Espiritualismo. Foi purificado de muitas impurezas e bastante livre dos defeitos que o caracterizavam antes da Guerra. Se parar para pensar nisso, verá que não poderia ter sido de outra forma; pois de um lado tem o espírito predominante de tristeza exaltada, e do outro a grande

multidão de testemunhas. Há tantas mãos estendidas de volta para apertar as nossas aqui, tantos corações ansiosos por nos dizer que ainda estão perto de nós e vivos, que não há lugar para charlatanice, mesmo que as pessoas estivessem inclinadas a ser fraudulentas. «Não há lugar para a morte.» 1

1 Nota do tradutor: A expressão final «There is no room for death» é uma citação ou paráfrase de um conhecido poema ou escrito espiritualista da época, frequentemente atribuído a Victor Hugo ou a outros autores, significando que, na plenitude da vida espiritual, a morte não tem lugar.

Sir Thomas Browne observa algures que a Bandeira da Verdade nunca se arrastaria no pó, não fora o porta-estandarte, e tenho grande receio de que, por minha própria insuficiência, possa comprometer em algum grau o que considero ser verdade. É certo que nenhum assunto sofre tão ricamente nas mãos dos seus adeptos como esta questão do Espiritualismo, e penso que a principal falha está na direção de o confundir com religião. O Espiritualismo, devo repetir, não é em sentido algum uma religião.

1 Este poema é dado na íntegra no Apêndice III.

Desde os meus primeiros anos, fui educada nesta linha de pensamento e recebi literatura sobre o assunto, mas nunca fui levada por um momento a pensar que devesse ocupar o lugar da religião. Foi dado antes como uma luz de conhecimento à luz da qual ver o ensino do Cristianismo, e nessa luz compreender a narrativa surpreendente do Novo Testamento; e o estudo dos fenómenos do Espiritualismo apoia, em vez de conflituar com, estas narrativas da vida de Cristo; há boa razão para acreditar que alguns dos milagres por Ele realizados foram efetuados através do conhecimento das próprias leis que regem os fenómenos dos nossos dias. E quando consideramos isto, não é deplorável a atitude das pessoas piedosas em relação a este assunto? Considerem a sua ignorância do seu ensino, a sua suspeita, o seu desprezo; no entanto, aqueles que conseguem trazer para ele uma mente imparcial, certamente se tornarão conscientes de uma semelhança entre os seus fenómenos e as experiências dos discípulos do Senhor?

Ao olhar para trás, para os meus primeiros anos, recordo uma experiência com especial gratidão. Foi meu privilégio sentar-me num círculo plenamente desenvolvido e privado, um círculo distinto pela sua autoridade e elevada posição, e notável por fornecer a Frederic Myers

muito material que apareceu como evidência no seu grande livro, Human Personality after Death. Posso resumir muito brevemente o resultado disto; aprendi que a morte é um incidente na vida, e a vida é contínua; que a comunicação com aqueles a quem chamamos mortos, sob certas condições, é possível; que as condições sob as quais existem aqueles a quem chamamos mortos não são muito diferentes das da vida terrena. Aprendi que o Mundo Espiritual é imanente, e que depende de nós próprios até que ponto e com que clareza o percebemos; e finalmente aprendi que é pela vida de Jesus que seremos «salvos», e não pela Sua morte, e isto apenas na medida em que seguimos, nas nossas próprias vidas, o Seu divino exemplo.

Olho para trás para tudo isto e vejo o seu sólido valor, e as pessoas envolvidas no movimento que visitaram a casa dos meus pais—Edward Maitland, Gerald Massey, Gurney, Myers, Crookes, Mount Temple, Wilberforce—destes ouvi falar, ou ouvi conversar, e os seus livros estavam nas nossas mesas—permitam-me aproveitar esta oportunidade para os saudar e saudar novamente os seus nomes.

Registo isto apenas para deixar claro que, quando chegou o momento de precisar do consolo oferecido pelo Espiritualismo, voltei-me para ele tão naturalmente como as folhas se voltam para a luz. E não num voo de natureza emocional nem numa dependência crédula, mas fi-lo de uma maneira tão prática e de senso comum como teria feito para reservar uma passagem ou enviar um cabo para a Nova Zelândia, se tivesse acontecido que o meu filho tivesse ido para aquela parte do globo.

O último inimigo a ser destruído não é a morte, pois a morte é um meio de progressão. O último inimigo a ser engolido é a separação da morte, pois esta é o resultado do materialismo, e tudo o que obstrui em vez de revelar, guerreia contra Deus. Não reconhecerá então a Igreja o Espiritualismo superior, reavivando assim os fogos nos seus altares, e readquirindo evidências daquelas atividades do Espírito que iluminaram os primeiros anos da fé cristã?

As suas evidências não são senão a sombra de Deus, mas ainda assim algum testemunho da Sua proximidade das almas exiladas dos homens.

«Pois onde estará Deus ausente? Na Sua Face
Está a luz, mas na Sua Sombra também a cura.
Deixe Guido tocar a Sombra e ser curado.»

APÊNDICE I

Relato de Mrs. Leonard sobre o seu Encontro com Feda.

«As mentes vulgares geralmente condenam tudo o que está além do alcance da sua compreensão.»
— Rochefoucauld.

Em dezembro de 1910, conheci duas irmãs, a quem fui apresentada quando estava a visitar uns amigos. Depois de trocarem algumas palavras comigo, uma delas perguntou-me se eu era espiritualista? Respondi que estava muito interessada no assunto, e descobrindo que elas eram da mesma opinião, decidimos sentar-nos juntas para desenvolvimento. Elas vieram a minha casa num dia marcado e escolhemos uma pequena mesa de bambu, e sentámo-nos à volta dela com as mãos apoiadas na sua superfície, mas durante um número considerável de sessões, sem qualquer resultado.

Na vigésima sétima sessão, uma das irmãs ficou muito impaciente e, tirando as mãos da mesa, afastou-se e sentou-se a ler um livro na outra ponta da sala. Dentro de dois ou três minutos, a mesa começou a mexer-se. Recebemos mensagens de vários amigos, soletradas por meio de inclinações da mesa; a minha Mãe comunicou, e vários outros, depois um nome comprido foi soletrado começando por F. Não conseguíamos pronunciá-lo, por isso perguntámos se podíamos selecionar algumas das letras e usar essas como nome? A resposta «sim» foi dada, por isso escolhemos F.E.D.A., e foi assim que começou o meu conhecimento com Feda.

Feda disse-nos que era minha trisavó, nascida hindustana, que fora criada por uma família escocesa, e que morrera muito pouco depois do seu casamento, aos treze anos. Lembrei-me de que a minha Mãe me tinha falado desta antepassada hindustana. Feda disse-nos então que me iria

controlar porque «tinha trabalho a fazer através de mim, porque algo ia acontecer no plano da Terra em grande escala e os meus serviços seriam necessários.»

Não fiquei satisfeita com isto, pois queria desenvolver clarividência normal, mas Feda disse: «Não, deves ser controlada, porque de outra forma a tua própria mente interferiria em tudo o que desejamos dar através de ti.» Então comecei a pensar seriamente nisso, embora não quisesse ser colocada em transe.

Continuámos as nossas sessões de mesa, às quais Feda vinha regularmente. Ela era tão útil e consoladora que me tornei bastante afeiçoada a ela, e muitas das mensagens tinham valor probatório, pois foram-nos ditas coisas que não sabíamos, e só depois provámos serem verdadeiras; ela dizia-nos de acontecimentos a ocorrer a uma distância que subsequentemente descobrimos estarem corretos. Continuámos assim durante vários meses, e comecei a sentir que talvez estivesse errada em recusar permitir que ela trabalhasse através de mim.

Ela ficou encantada quando lho disse, mas embora nos tivéssemos sentado regularmente durante dezoito meses, ela não conseguiu, de facto, foi apenas quando desisti de tentar e comecei a ficar bastante aborrecida com o processo que ela conseguiu. Uma noite, sentindo-me muito cansada do que estava a acontecer, pensei ter adormecido por alguns momentos. Quando acordei, fiquei surpreendida ao ver os meus amigos debruçados sobre mim, com grande interesse. Disseram-me que estivera em transe durante uma hora e meia, e que Feda falara através de mim, trazendo muitas mensagens de amigos do Outro Lado. Ela repetira que um tempo escuro estava a chegar, no qual tinha trabalho a fazer, e que eu seria necessária como médium através de quem ela poderia trazer a certeza de uma vida após a morte.

Tivemos muitas sessões; elas não afetaram a minha saúde de forma desastrosa. Estou muito melhor e mais forte de saúde desde que me desenvolvi do que estava antes.

No início, não era fácil para Feda concentrar-se no que era sério ou aconselhável. Ela teve de treinar-se para o serviço; por vezes era difícil fazê-la atender ao que desejávamos. Demorou dezoito meses até que ela se tornasse proficiente.

Quando se tornou capaz de fazer o que queríamos, disse que eu devia dedicar-me profissionalmente. Eu estava muito receosa, pois não pensava que pudesse fazer este trabalho sob encomenda, mas Feda prometeu que cuidaria de mim desde o início.

Comecei por realizar círculos na zona oeste de Londres; desde o primeiro momento, pagaram as minhas despesas. Depois disso, a Guerra rebentou, e em poucos meses as pessoas vinham ter comigo a querer mensagens de teste sobre aqueles que tinham partido. Feda pediu-me então para abandonar as minhas sessões públicas, pois as condições, dizia ela, nem sempre eram boas. Disse-me que num círculo do dia anterior, um rapaz que tinha sido morto na Guerra estivera muito ansioso por falar com a sua Mãe no círculo, mas não conseguira chegar até ela porque duas pessoas presentes causavam uma condição frívola e pouco congenial.

Assim, abandonei os meus círculos públicos e comecei sessões privadas, e muito rapidamente tive muito mais pessoas a querer sentar-se do que podia acomodar.

Feda disse-nos que o benefício do seu trabalho comigo é duplo. É um período de serviço que lhe é exigido, e enquanto ministra aos outros, ela faz progresso espiritual na sua própria alma. Ela teve um período de vida terrena tão curto que, provavelmente, neste trabalho adquire algo do treino e conhecimento que se derivam de um período de existência terrena.

Desde o momento em que falou pela primeira vez através de mim até agora, ela tem trabalhado—para usar as suas próprias palavras—«apenas como uma mensageira.»

Gladys Osborne Leonard.

APÊNDICE II

Dos «Diálogos Divinos» de Platão.

«Faremos o nosso melhor, Sócrates,» responde Críton, «para lhe obedecer. Mas como será sepultado?»

«Como quiserdes,» diz Sócrates, «se eu não vos escapar. Ao mesmo tempo,» olhando para nós com um suave sorriso, «não posso,» diz ele, «alcançar o meu fim em persuadir Críton de que este é Sócrates, que

discursa convosco e organiza todas as partes deste discurso; e ele ainda imagina que Sócrates é a coisa que em breve verá a morte. Confunde-me com o meu cadáver; e nessa perspetiva, pergunta-me como serei sepultado.

E tudo isto após o longo discurso que vos fiz há pouco, para mostrar que, assim que tiver tomado o veneno, não ficarei mais convosco, mas partirei daqui para gozar a felicidade dos bem-aventurados; numa palavra, tudo o que eu disse para vossa consolação e para a minha, é em vão, está tudo perdido em relação a ele. Peço-vos que sejais meus fiadores para Críton, mas de uma maneira contrária àquela em que ele se ofereceu para ser meu fiador perante os meus juízes; pois ele se comprometeu a que eu não fugiria. Ora, comprometei-vos por mim que, logo que esteja morto, terei partido, para que o pobre Críton suporte a minha morte com mais serenidade, e que quando vir o meu corpo queimado ou enterrado, não desespere, como se eu sofresse grande miséria, e diga no meu funeral que Sócrates está estendido, Sócrates é levado, Sócrates é sepultado. Porque deveis saber, meu caro Críton,» diz ele, voltando-se para ele, «que falar mal da morte não é apenas uma falta na maneira de discursar, mas também fere a alma. Deveríeis saber que o meu corpo deve ser sepultado, e que estais à vontade para o enterrar como quiserdes, e da maneira que for mais conforme às nossas leis e costumes.»

Do Fédon: Um Diálogo sobre a Imortalidade da Alma.

APÊNDICE III

Não é covarde a minha alma,
Não treme na esfera tempestuosa do mundo;
Vejo as glórias do Céu brilhar,
E a fé brilha igual, armando-me contra o medo.

Ó Deus, dentro do meu peito,
Divindade omnipresente e eterna,
Vida, que em mim tem descanso,
Como eu—vida imortal—tenho poder em Ti.

Vãos são os mil credos
Que movem os corações dos homens: inefavelmente vãos,

Sem valor como ervas secas,
Ou a mais ociosa espuma em meio ao mar sem fim,

Para despertar dúvida naquele
Que tão firmemente se agarra à Tua infinidade,
Tão seguramente ancorado
Na rocha firme da Imortalidade.

Com amor que tudo abraça,
O Teu espírito anima os anos eternos,
Permeia e paira acima,
Muda, sustenta, dissolve, cria e ergue.

Embora a terra e o homem se fossem,
E sóis e universos deixassem de ser,
E Tu ficasses sozinho,
Toda a existência existiria em Ti.

Não há lugar para a Morte,
Nem átomo que o seu poder pudesse tornar vazio;
Tu—Tu és o Ser e o Sopro,
E o que Tu és nunca pode ser destruído.

Emily Bronte.

APÊNDICE IV

«Inteligência Reconhecida.»

Durante o Outono de 1920, enquanto este livro estava a ser preparado para publicação, tive uma sessão com Mrs. Leonard, durante a qual me foi dado um Teste com Livro do mais recente desenvolvimento. É um esquema planeado para obviar ainda mais a possibilidade da operação da telepatia, ou da ação da memória subconsciente; e para conseguir isto, o Teste é concebido para ser encontrado na primeira página do jornal «The Times» do dia seguinte.

Diz-se que o pai do Rev. Charles Drayton Thomas foi o inventor desta forma de Teste com Livro; e um certo número já foi recebido. É particularmente valioso, pois responde à objeção do cético na comunicação espiritual, que sustenta que podemos reter na memória subliminar o

conteúdo de todos os livros que alguma vez lemos, até aos números das páginas, e que, consequentemente, desvaloriza a validade da forma mais usual.

É colocado entre os Apêndices aqui porque este livro já estava demasiado avançado na produção para ser incluído no texto.

TESTE COM LIVRO, 11 de outubro de 1920.

(Indicações.)

1. «Ora, no 'Times' de amanhã, na primeira página, na segunda coluna, cerca de meio caminho para baixo, encontrarão o nome de Stephen.»

(Rastreio do acima.)

Na segunda coluna do «Times» de 12 de outubro, a meio da página, estava o nome Stefano.

(Continuação das indicações.)

2. «Ora, perto dele está um nome 'sugerindo' um lugar que Bim conhecia muito bem, e de que gostava imenso quando estava no Plano Terreno.»

(Rastreio do acima.)

Uma polegada abaixo deste nome Stefano, encontrámos o nome Freda, o nome de uma amiga que costumava convidá-lo para Bournemouth, Fontmel Priory. Quando criança, ele gostava tanto deste lugar que o chamava de «A Casa do Desejo.»

(Ver Memoir of E. W. T. pela sua Mãe.)

(Continuação das indicações.)

«Ora, na primeira coluna, perto do topo, estão os nomes de duas pessoas, nomes na família, que ambas já partiram e estão com Bim no Outro Lado. Uma tem sido frequentemente mencionada nas sessões.»

(Rastreio do acima.)

Na primeira coluna, perto do topo, ocorrem os dois nomes Harold e Pamela. Ambos são nomes na família, ambas as pessoas com estes nomes

estão no Outro Lado, e uma delas (Pamela) tem sido mencionada frequentemente durante as sessões de Bim.

(Continuação das indicações.)

«Ora, na terceira coluna, ele pensa que a cerca de cinco centímetros do topo (do jornal?), estão palavras que podem formar uma mensagem para Bim, uma mensagem que ele diz que 'gostaria de te ter dito no dia 22,' 1 e não te esqueças, diz ele—são apenas algumas palavras, porque algumas outras palavras perto delas a estragariam.»

(Rastreio do acima.)

Na terceira coluna, a cerca de cinco centímetros do topo—do jornal—estão as palavras:

«O Meu Amor Sempre»

As palavras imediatamente anteriores a esta são, «faça questão de ver a noiva de T: para seu proveito fazê-lo», endossando assim inteiramente o aviso de que «outras palavras perto da sua mensagem a estragariam»—«apenas algumas palavras: O meu amor sempre.»

1 22 de setembro (1916) foi a data da passagem de Bim.

(Continuação das indicações.)

«Voltando à primeira coluna, está o nome do Senhor, na parte inferior da primeira coluna, e o nome de um parente próximo dele que já partiu. Ambos os nomes estão próximos, a menos de um centímetro e meio.»

N.B.—Feda refere-se sempre ao pai de Bim como o Senhor.

(Rastreio do acima.)

Na primeira coluna, na parte inferior, aparece o nome Edward, e se Feda tivesse dito «conexão» em vez de «parente», o teste estaria completo, pois perto do nome Edward está o nome Alexander, um representando uma conexão próxima com a família Tennant.

Assim, num Teste com Livro com seis pontos de contacto, todos com uma ligeira imprecisão, foram rastreados satisfatoriamente.

Pamela Glenconner.

CONCLUSÃO

E agora o meu trabalho chega ao fim.

Será bom se conseguir levar as pessoas a pensar que há algo que não é mau no Espiritualismo. Na beleza e gentileza do poder por trás destas citações, na consolação curativa que trazem, na Fonte Divina de simpatia de que falam, certamente os leitores deste livro poderão reconhecer algo do escritor daquelas simples palavras?

«Amor Eterno—
de Bim.»

Aqueles que estão descarnados têm a vida mais plena, deles é «um éter mais amplo, um ar mais divino», e se nos amam, o seu desejo é partilhá-lo connosco, e quanto mais puderem fazer isto, maior é a sua felicidade e a nossa.

Para aqueles que perguntariam: «É sábio ou justo trazê-los até nós; devemos mantê-los dentro das nossas condições terrenas?» responderia que não se pode trazer de volta o que nunca partiu, e quanto ao possível detrimento da sua vida através das nossas condições terrenas, responderia que não se limita nem se comprime um dia de Primavera abrindo uma janela. Há suficiente plenitude de calor e ar lá fora para encher uma sala de luz e beleza, e, no entanto, o dia em si não ser diminuído em nada.

Muitas vezes desejo que a verdade desta possibilidade de comunicar com aqueles que amamos e que partiram seja do conhecimento de todos; mas parece que para tantos a necessidade de evidência é demasiado grande—bloqueia o caminho. Esperam no limiar do que poderia ser uma alegria suprema para eles, movidos mais pela desconfiança e por cem outros sentimentos do que pelo amor. O pensamento disto é doloroso; é como fechar uma porta na face daqueles que nos querem servir; um ato indelicado.

É em grande parte verdade que a qualidade da comunicação que recebemos depende muito da nossa capacidade de apreciar o que é dado, pois o ouro está misturado tão profundamente e tão lamentavelmente com escória, que é preciso peneirar e peneirar sem cessar; mas se tivermos uma mente aberta e um coração amoroso, recebemos prova, bem como conforto, em maior abundância do que se pode dizer. Aqueles que não se interessam

por isso não terão o conhecimento imposto; e aqueles outros que, como lemos na Bíblia, «se apegam ao lado da Morte, encontram-no»; mas para todos aqueles que estão prontos a investigar este assunto com imparcialidade e paciência, aguarda

«Uma manhã, que nenhum coração imagina.»

A Morte é uma barreira sem portão, e aqueles de ambos os lados que sabem isto, passam; e «a tristeza e o gemido fogem».

Não há também vida humana?
Não temos nós, criaturas impensadas,
Escravas da tolice, do medo e da contenda,
Vozes de duas naturezas diferentes?
Não temos também?—sim, temos—,
Ecos de não sabemos donde,
Vozes para além da sepultura,
Inteligência reconhecida.

Tais repercussões, o ouvido interior
Apanha por vezes de longe;
Escuta, pondera, tem-nas por queridas,
Pois de Deus, de Deus são.

Fim